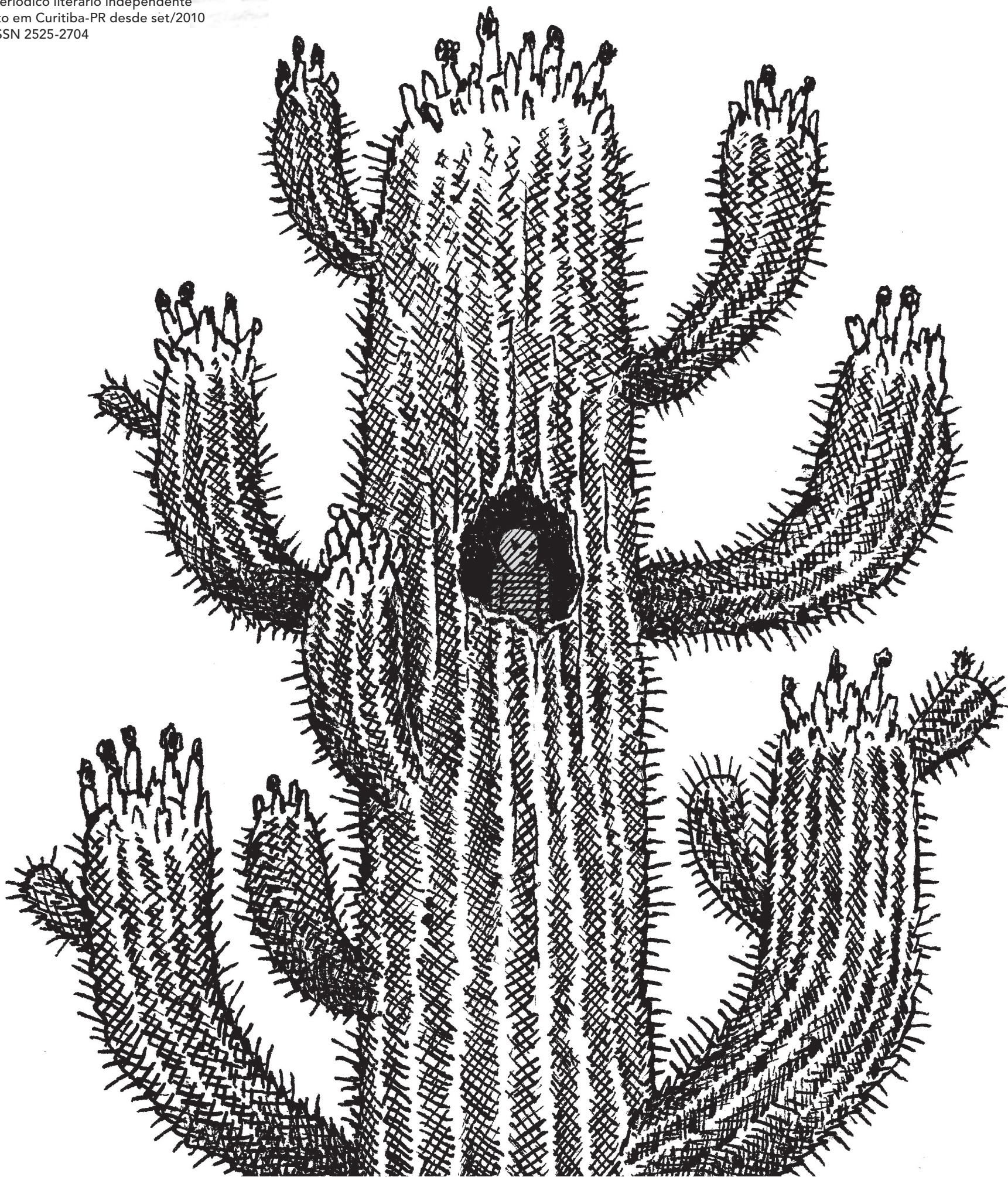


RelevO

julho/2023, n. 11, a. 13

• Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde set/2010

• ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos

O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações dessa edição são de **Rafael Sica** [rafaelsica.com.br]. Somente as ilustrações das páginas 10 a 13 foram criadas pela ferramenta DALL-E 2.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 6 Leonardo Reis; R\$ 35 Gabriel Bicho; R\$ 70 Laís Valério Gabriel; Sara Albuquerque; Fiori Ferrari; Juliana Berlim; Ane Montarroyos; Julio Cesar Lima; Mariana Bleyer; Celia Celli; Julia Guarilha; Pedro Arcuri; Renata DeCastro; Gustavo Bongiovani; Nicolás Irurzun; Marcos Arão Rocha; Rejane Martins Pires; Pablo Bonilha Chaves; Lia Marcia Finn; Antonio Senkovski; Pedro Mohallem; Murillo H. Castex; Guilherme Brasil; Yuri Campagnaro; Eliss Castro; Ana Pedrazani; Christian Schwartz; Manuela Mendes; Jorge Cardoso; Brune Carvalho; Alice Caetano; André Ogawa; Rafael Sica; Kleber Bordinhão; Luiz Barcellos; Isabele Orengo; Tiago Germano; Daniel Domingues; Edeli Saba; Lucas Carneiro; Camila Domingues; Marcio Leal; Catarina Lara Resende; Juliana Meira; R\$ 80 Daniel Montoya; Nima Spigolon; R\$ 85 Rodrigo Dutra; R\$ 100 Viriato Gaspar; Francisco Mecking; Luciana Xavier Neves; Otavio Linhares; Matheus Barreto; Dario Andrade Filho; Larissa Macedo; R\$ 105 Magaly Ramos; Shelly Boil; R\$ 120 Lucas Jensen; R\$ 140 Marly Custodio de Souza; Sissa Stecanella; Guilherme Gontijo Flores; Jaqueline Bohn Donada; Augusto Lucas; Fabíola Mattozo; R\$ 150 Rafael Schoenherr; Adriana Vieira Lomar; R\$ 160 Rômulo Cardoso; R\$ 200 Banca Modular; R\$ 210 Alexandre Guarnieri; Marco Antonio Faoro.

TOTAL: R\$ 6.176

ANUNCIANTES:

R\$ 30 O Alienígena; R\$ 70 Leila Menezes; José Vecchi Carvalho; Cezar Tridapalli; R\$ 100 William Soares dos Santos; Cesar Carvalho; R\$ 300 Editora Penalux; R\$ 400 Burocrata Carimbos.

TOTAL: R\$ 1.140

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 2.100
Escritório: R\$ 310
Embalador: R\$ 50
Embalagem: R\$300
Autores e ilustradores: R\$ 540
Editor-executivo: R\$ 0
Editor-assistente: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 400
Diagramação: R\$ 200
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 2.622

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 7.316**

(-) Saídas totais: **R\$ 7.367**

(=) Resultado operacional: - **R\$ 51**

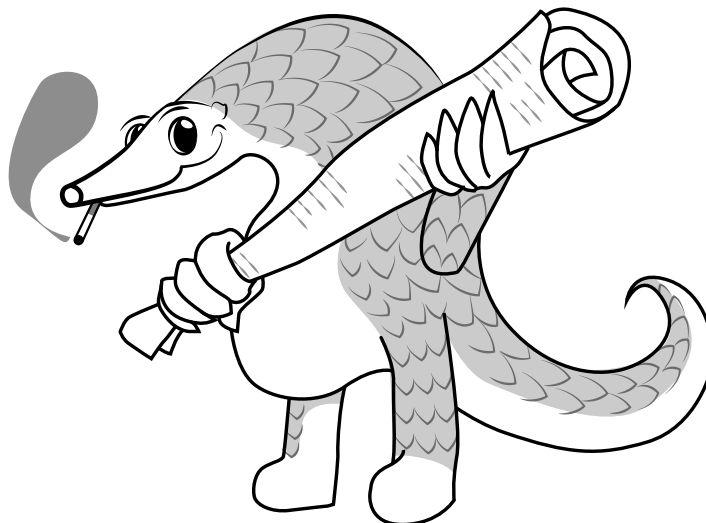
Julho/2023

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Amanda Vital
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 28 de junho de 2023.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Morgana Rech
Felipe Harmata
Katia Brembatti
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

INIMIGOS DO SPAM

Mari Bleyer Olá. Estava eu usando meu Instagram como de costume e recebo uma solicitação de mensagem do Jornal me convidando a assinar. Aquela pasta de spam é um verdadeiro receptáculo de bizarrices. Semana passada ainda recebi mensagem de um belga querendo comprar meias usadas minhas por 50 euros. A proposta até que foi tentadora, mas em meio a pervertidos, tentativas de golpes e robôs sexuais, a única que prontamente respondi foi deste Jornal, que já tem o meu carinho. Recebi as edições de maio e junho, li em uma tacada só e me apaixonei. Sou uma balzaquiana de 33 anos e, nascida nos anos 90, não tive o hábito de ler jornais, mas sempre achei um charme. Me senti uma senhora, lendo meu jornal, tomando café e comendo um bolo. Confesso que senti falta das palavras cruzadas e do horóscopo (risos?). A experiência já começa pelas cartas dos leitores, que escrevem muito bem e têm um humor bem peculiar. O resto todo do conteúdo também é muito bom. O que mais gostei nessa de ler jornal foi a deliciosa sensação de poder chafurdar nessas páginas, amassando aqui, dobrando ali. Não gosto de livro de capa dura, e essa flexibilidade me seduziu. Já me estendi demais. Se ficar muito longo, podem usar apenas o primeiro parágrafo, acho que já tá valendo. Um abraço apertado em todos que fazem esse projeto lindo sair do papel, parabéns e muito obrigado!

BICHOS ESCROTOS

Zeh Gustavo Não sei em que mês saiu, as leituras andam zoadas — como convém a uma (des)ordem que se preze chamar de vida (tempo linear é coisa do proselitismo religioso). Mas o ombudsman capítulo 5 da querida Amanda Vital lança na cara algo que por cá já concluí — e para mim, ela definitivamente não me plagiou, esteja claro, onqueussino? — desde antes de ter barba branca: a literatura, esse meio bem fudidinho, de gente que só falamos pra nosotros mesmos, é, abaixo de tudo, um ambiente escroto. No samba, nunca ouvi ninguém acusar o outro de ser pastiche de Cartola; tampouco alguém se anunciar como o novo Cartola; ou ser acusado de plágio de Cartola por mostrar declaradamente a influência do Angenor em sua obra. Plágio no samba é o plágio do ponto de vista do Direito e fim de papo. No samba, quem tem fundamento do riscado sabe que voz é eco, eu é nós e jacaré vai na terra porém é bicho d'água. O resto é caô caô.

EVERYTHING

Feliciano Tavares Monteiro Caros amigos. Sinto falta de uma arte no jornal: a fotografia, que está ausente. Mas continuo gostando do resgate de poetas, como Ivan Junqueira, e também das crônicas. “A beata” e “A poeta” mostraram muito bem as faces da moeda, ébria e pagã, que embala nossos dias e noites contemporâneos. Relato su(per)pimpa do C6 Fest! Gostei de ver as fotografias retornando “ao set”! Após fazer 70 anos, pude selecionar meus gostos e os prediletos são:
● um bom jornal impresso, como o **RelevO**
● buscar imagens de locais formidáveis, via fotografias!

Recebi o exemplar de junho e estou quase curtindo, como couro de bode, pra pregá-lo na parede. Perseverem na luta contra a quebra de caixa, ela é tenebrosa, mas motivante para os verdadeiros jornalistas. E espero ver fotos no próximo exemplar. Até breve! P.S.: Quando sentirem que a peteca está prestes a cair, não joguem a toalha antes de ler trechos de *Minha Razão de Viver*, de Samuel Wainer.

Lucas Scandura CarOs Relevantes. Vocês pediram sugestões sobre a parte musical do Jornal e falaram que podia retornar por aqui, então lá vai:

1. Triste pelo Brazilliance ser descontinuado... é importante demais dar continuidade ao que “já passou”, “foi esquecido” ou só é pouco lembrado, em vez de ficar reiterando o que já domina o imaginário (e as mídias).

2. Seguindo nessa linha: acho massa e importante falar dos clássicos, dos “grandes”, pops, populares e também super conceituados/cultuados, mas acho ainda mais importante, não só como artista independente e alternativo, mas como público e defensor do universo paralelo das cenas escondidas, falar sobre o que não tem espaço na mídia (mas deveria).

3. Sendo assim: adorei, por exemplo, o artigo sobre o Skank, mas acho que o Jornal podia abrir mais espaço para esse outro universo, seja nas resenhas e artigos, seja nas coberturas, para o que não está coberto pela grande mídia.

4. Sugiro, inclusive: que isso possa ser ampliado para outras linguagens e manifestações artísticas (como teatro, dança, audiovisual, performance, saraus, etc.), afinal de contas, o **RelevO**, para mim, é mais que um jornal literário, é todo um universo estético e conceitual que, pelo que me consta, atravessa várias regiões do Brasil.

5. Por sinal: conhecem o trabalho (também descontinuado, infelizmente...) que o Arnaldo Afonso fazia aqui em SP? Ele é uma super referência para cultura alternativa e pros saraus de Sampa, e ilustra um pouco o ponto que estou sugerindo.

6. Por fim: vocês fizeram a provocação sobre cobrir festivais... não sei se estou habilitado para cobrir o que for ou contribuir de outra forma, mas que deu uma grande vontade... ah... isso deu! rs. Enfim, me coloco à disposição para contribuir como for possível nessa empreitada de fortalecer nossa cena! Uma das coisas que mais sinto falta nos dias de hoje é “da tal da crítica” que já existiu e hoje está em extinção, aquela que busca sim ser técnica e ter um certo distanciamento, mas que não esteja vendida e não seja uma babação de ovo eterna, principalmente em cima do que já domina a mídia. Acho que o **RelevO** não só parece ter espaço pra isso, como já o faz em parte de seus textos. Grato. Abjos

Murillo Hochuli Castex Olá, desculpe a demora, estava deveras perdido. Será um prazer renovar com o ótimo **RelevO**, este veículo que me é análogo ao café fresquinho, evitando clichês aqui. Abraços!

MEU SUBSTACK

João Victor Fiorot A edição de maio começou com um editorial muito interessante (confesso que há tempos sentia os editoriais meio morosos). Esse falando do Substack e do cansaço geral das pessoas em perguntar pelo virtual e se ater ao físico é uma coisa que tenho percebido

em mim mesmo. Quando uso as redes sociais é muito mais pelo hábito/vício do que realmente por vontade — necessariamente isso me leva a abandonar tudo mais rapidamente e durante mais tempo. Sobre o Substack, acho um bom lugar na internet, mas vejo que ele tem, assim como tudo por aqui, padronizado as coisas. Nesse caso, a forma de produzir newsletters. Acho até que, futuramente, ninguém vai chamar mais de “minha newsletter” e vai falar “meu Substack”. É provável que já tenha gente fazendo isso. Porém, o Substack oferece uma comunidade de escritores e leitores, o que é muito melhor do que o que quer que seja que o Twitter e o Instagram tenham para oferecer hoje. Ah! “A Poeta”=> história de amor sensacional! Atenciosamente.

Leonardo Ratão Bom dia, pessoal. Só passando pra dizer que conheci o **RelevO** tem umas semanas, li duas edições de vocês e, caramba!, que trabalho é esse! Já me ganharam com a parte de anúncios e chamado pra publicar! Me diverti com o texto da Otrane e o do João Alexandre, “A Poeta”. Estão de parabéns! Quero assinar logo! Vi ali que tem opção de R\$ 5,80 por mês. Essa opção facilita, mas, mesmo assim, R\$ 70 por ano tá ótimo. Parabéns de novo!

Shelly Bhoil Boa noite! Eu estou aprendendo Língua Portuguesa lendo o **RelevO**. Traduza alguns poemas de últimas edições em inglês também e assim aproveitei ainda mais. Parabéns pelo trabalho incrível na área de literatura! Abraços.

Ryanny Keysy Acho muito bonito o trabalho do Jornal. E pelo que vejo na versão digital, é um trabalho muito bem feito em prol da literatura.

Claudia Tajés O trabalho de vocês é incrível.

Dina Maria Dominick Linda capa! As edições são muito bem cuidadas! 😊

Dom Valdir Backmann Recebi hoje o meu exemplar. Muito bom. Parabéns à equipe. **RelevO** é uma obra de se ler, reler e divulgar a outros a fazer o mesmo. A capa e todo conteúdo são excelentes. É mais do que um Jornal, é cultura e conhecimento. Sou assinante com orgulho.

Céline Bernard Tá muito boa essa capa! Linda edição!

João Alexandre Meu último conto “A Poeta” foi publicado na edição de maio do **RelevO**. É a típica história de uma donzela sendo resgatada de um dragão, mas sabe como é... escrotamente escrita por mim. Descole seu Jornal e leia. (Meus advogados me aconselharam a dizer que todos os personagens e as situações descritas no conto existem somente no universo da ficção e qualquer semelhança com a realidade é mera cagada.)

Nanda Munhoz Barth Identidade dos personagens mantida em sigilo por sugestão do setor de compliance.

Nicolas Irurzun Modernidade na leitura. Chegou por aqui a mais recente edição do **RelevO**. Lendo ouvindo LP.

SUGESTÕES

Graziele Lima Olá, como vão? Posso sugerir algo que passou pela minha cabeça, mas que talvez vocês tenham resistência por não ser a proposta do jornal? Oferecer uma assinatura digital. Enquanto jornalista por formação, acredito muito no impresso e amo. Mas eu não tenho espaço físico para guardar as edições. Acredito que poderia atrair mais leitores se vocês criassem uma possibilidade de ter o arquivo digital do jornal por um preço parecido ou até mesmo igual ao do impresso, as pessoas vão entender que, embora não tenham a edição em mãos, foi uma escolha delas e estão ajudando a financiar a edição impressa. Outro ponto é ver a possibilidade de parcelar valores. Não sei se já existe. Às vezes em que vi a possibilidade de assinar, o preço me foi muito convidativo, porém, vivendo de freelas, confesso que gastar os R\$ 70 de uma só vez me assusta. Para ver como o cérebro humano é uma loucura (e deve ter uma explicação científica para isso): aceitaria pagar 12x de R\$ 7 (o que daria mais do que os R\$ 70). Ou seja, mais uma vez é sobre escolhas. Quer pagar parcelado? Ok, mas o preço vai dar uma certa variada, sabe? Ser claro, como vocês sempre foram, sobre os valores, porém, o parcelado tem mesmo as taxas e esse a mais pode salvar o jornal! Estudem essas possíveis mudanças, vejam a possibilidade de aumentar o conteúdo oferecendo uma newsletter nova e paga, quem sabe. Se rolar, por que não dar um workshop com vocês falando sobre o conteúdo e as experiências sobre o Jornal? Eu mesma adoraria conhecer mais dos bastidores, da forma de escrita e de encontrar pautas de vocês. Não sei se entraria isso de ter novos produtos aí, mas o que não pode é deixar o periódico perder forças financeiras, não. Boraaaaa garantir graninhas pra continuar! Lembrando que são apenas ideias que passaram pela minha cabeça e eu decidi falar porque às vezes podem iluminar aí, mas sintam-se livres para ignorar tudo também, rs.

PROPOSTA DE ENTREVISTA

Michelle Alves Olá, bom dia. Tudo bem? Eu gostaria de fazer uma proposta de entrevista. Os senhores são um jornal literário, eu leio e escrevo textos desde criança, em um mês eu leio até 200 livros. Acredito que essa quantidade de livros e minha história de vida podem proporcionar aos senhores uma boa reportagem. No anexo, mando a lista com os livros que li apenas no mês de maio; abram o arquivo para conferir, por favor. Se quiserem entrar em contato comigo para conversar, é só responder o meu e-mail.

Benilson Antônio Toniolo de Oliveira “A Vetusta Casa dos Firme”, de Leandro Costa. Só por esse conto já vale a pena ser assinante do **RelevO**. Não me leve a mal, Antonio Candido, mas a literatura brasileira está muito longe de ser pobre e fraca, como dizem que o senhor falou. Aliás, a edição de maio de 2021 foi uma das grandes edições do Jornal de sempre. Desde o editorial, de se guardar, até o texto de Toni Morrison, passando pelos poemas e pela entrevista com P. Scott, uma edição da *non dimenticare*. Só li agora, dois anos depois, e passo adiante, satisfeito.

EDITORIAL

ANAIS

Matheus HotzOi! Boa tarde. Achei interessante [o Jornal] Pelo que vi, o preço de vocês é anual, né? (Tive muito cuidado pra não escrever anal.)

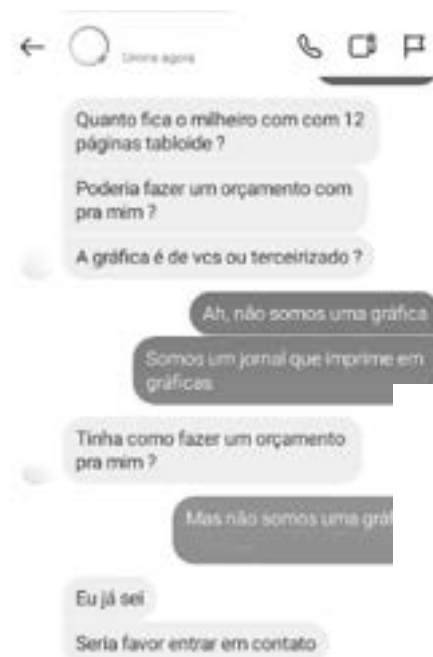
BABOSAS

Ronaldo Santos Lage Do inferno ao céu: **RelevO** chegou no fundo do poço ao publicar um texto longo e baboso sobre o Skank, e se reabilitou com a cobertura sobre a melhor banda de música para adultos: Kraftwerk.

Rodrigo P. da Silva Boa noite, prezados. Uma das coisas que eu reparei assim que li o Jornal foi a primeira página editorial; quase surreal a operação nestes números contábeis (mas vocês fazem, isto é bom!), os quais são os mais sinceros já apresentados em suplementos literários impressos ao redor do mundo! Bom, em função da última newsletter recebida, gostaria de contribuir com algumas sugestões, te adianto “não são as mais melhores” para o Jornal, mas a curto prazo, óbvio, é cortar despesas. Entendo que, no primeiro momento, seria importante negociar com a gráfica e começar a rodar uma edição mais reduzida de páginas impressas (de 24 pra 20 páginas), e a tiragem, são 3 mil, de fato, e todos são distribuídos? Além disso, também pensar no segundo semestre, e partir para edições bimestrais impressas (com isto, diminui os custos de gráfica/correio), de alguma equilibrar o projeto, e daí ter fluxo de caixa, e fechar o ano todos tranquilos! *Just in time*, clássico. Abraços!

PS: O Sebrae dispõe de consultor gratuito que presta consultoria de negócios (seria interessante ver as indicações dele para um modelo de negócios literário), e os números da próxima Mega-Sena: 03-07-12-17-35-42; fica registrado alguns pitacos para vocês!

UM DIÁLOGO



Naturalidades e artifícios

Prompt: Escrever sobre a importância dos leitores que divulgam presencialmente o Jornal, distribuem seus exemplares, presenteiam com assinaturas e nos marcam nas redes sociais, ampliando, assim, a nossa malha de contatos e de circulação.

Resultado: *Um mundo de risadas e negócios florescentes: No universo dos clientes divulgadores, o exagero é a moeda corrente e a diversão é o objetivo final. Eles transformam o mundano em uma comédia desenfreada, inspirando outros a seguir seu exemplo. Enquanto empresas colhem os benefícios da divulgação entusiasmada, todos nós desfrutamos de risadas e momentos de leveza em um mundo que muitas vezes é excessivamente sério.*

Prompt: Contar aos leitores sobre os nossos planos de aprender a programar (não fazer programa) para compreender melhor as possibilidades de expansão do mundo digital, além de, finalmente, ter uma presença nas redes sociais mais coerente com o potencial todo envolvido.

Resultado: *A Importância da Programação de Tecnologia para Escritores: aprender programação de tecnologia pode trazer uma série de benefícios para escritores, ampliando suas habilidades e oportunidades no mundo literário. Além de oferecer uma compreensão mais profunda sobre o funcionamento dos dispositivos e sistemas digitais, a programação pode melhorar a produtividade, permitir a criação de projetos interativos e abrir portas para novas formas de contar histórias.*

Prompt: Combinar uma citação do Conde de Lautréamont [“Belo como o encontro fortuito entre uma máquina de costura e um guarda-chuva em uma mesa de dissecação”] com outra de André Breton [“O homem que não consegue visualizar um cavalo galopando sobre um tomate é um idiota”]; inserir uma camada do filme *A vida de Brian*.



Passamos, de fato, do meio do ano. Aqui estamos e permanecemos, entre a planilha e o delírio, movendo um jornal de papel que nada mais faz do que investir nas ligações diferentes de palavras e imagens. Orgânico ou sintético, quem sabe tudo não seja estímulo e resposta.

Uma boa leitura a todos.



R\$ 58,00 + frete

“A tranquilidade durou pouco. A opressão no peito aumentou e meus passos tornaram-se lentos. Parei e olhei para trás. Três homens, vestidos com terno cinza, caminhavam cerimoniais. Dois deles carregavam uma bandeja com uma tampa metálica. O outro os acompanhava. Vinham em minha direção. As dores da angústia misturaram-se às do medo. Aqueles homens cinzentos eram os mesmos que me degolaram. Recuei em passos lentos, sem perdê-los de vista. Se eles me virem, me degolam de novo. Encostei-me numa parede. Procurei alguma saída. Eles caminhavam em silêncio, como se estivessem carregando algo sagrado. O medo aumentou e pressionei meu corpo contra a parede. Precisava fugir daqueles homens, mas eles se aproximavam. Pressionei meu corpo ainda mais. Sentí-me dissolver. Eu era a parede!”

Adquira Raul & Eu pelo e-mail: cacarvalho49@gmail.com

E ganhe um exemplar de *Toca Raul*, livro de contos e crônicas.

APOIADORES



Amanda Vital

Olá! Somos a Panelinha Literária Inc., e agradecemos que tenha adquirido um de nossos produtos mais vendidos, a incrível *skin* de “Escritor Contemporâneo Padrãozinho”, esse último lançamento de grande sucesso entre os círculos literários. Aproveitamos para ofertar uma *skin* também disponível em versão NFT, bastando digitar o código “NuncaGanheiPrêmio” em nosso site para resgatá-la e ativá-la no metaverso.

Esta *skin* é composta por:

1. Um microfone com má sonoroplastia predefinida, para ler seus poemas geniais (ainda que não eram, agora vão ser — geniais, surrealistas e subestimados!);

2. Cara de bunda (não modificável);

3. Três divórcios (de preferência com meses de distância entre cada um) e uma esposa-troféu (opcional);

4. Um *widget* chamado “Ego de Escritor Contemporâneo Padrãozinho”, que deve ser inserido pela extremidade final do intestino e inflado manualmente.

Sejam bem-vindos, portanto, ao manual de sua nova *skin*, que também coincide com o manual de como participar de eventos literários; afinal, o produto não terá efeito se seu primeiro teste não for em um evento.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES ANTES DO USO DO PRODUTO:

1. Para ativar o produto, basta dizer “Foucault, Derrida, Deleuze!”, 3 (três) vezes, com um leve sotaque bêbado e/ou senil. Se ainda não sabe fazer o sotaque organicamente, não se preocupe, basta adquirir a *skin* “Escritor Contemporâneo Bêbado”. Gesticulações excessivas — com as mãos colidindo em pessoas que estejam portando uma taça de vinho tinto — garantem uma ativação mais rápida do produto.

2. Para mais êxito do produto (sobretudo de seu *widget*), confira se tem presentes, na sua estante, ao menos 5 (cinco) livros de autores bielorrussos ou de alguma nacionalidade considerada “exótica” para o Brasil. É obrigatório que sejam originais. Se não souber ler em língua estrangeira, pedimos que adquira os livros em sebos, para dar o tom de que estão gastos porque você os leu.

3. A bateria de sua *skin* vai durar mais se você curtiu, na última hora,

ao menos 15 (quinze) poemas no Facebook sem ter lido um único verso, a segundos de sua postagem. Vale também 3 (três) corações em fotos de perfil de autoras mulheres (postadas há meses, para comprovar o *stalking* e o não-ligar para o trabalho literário delas, é natural).

4. Também para maiores êxitos, é necessário que não tenha recebido nenhum (zero) prêmio literário e tenha escrito ao menos 1 (um) texto passivo-agressivo dizendo que não estava amargurado nem magoado, mas estava, muito. Bônus se tiver dito mal dos vencedores — direta ou indiretamente, mas preferimos indiretamente, com uma “codificação” que só você acha que deu certo — e chorado em posição fetal ao abrir a lista de finalistas.

5. O mestrado em alguma área de Letras é obrigatório. A famosa “carteirada”, como “você sabe com quem está falando?” e humilhações a estagiários(as), sobretudo envolvendo machismo e paternalismo, é um fator preferencial para garantir o bom trabalho de seu novo produto.

6. Esta é uma das perguntas mais frequentes: sim, é preciso que tenha publicado ao menos 1 (um) livro com arte de capa mediana em edição de autor, após longos conflitos com o(a) editor(a) e com o(a) designer de sua editora anterior para que saísse de acordo com a sua concepção estética bastante refinada e superior. Nós acreditamos nisso. Nós acreditamos em você.

PASSO-A-PASSO:

1. DATA. Antes de ativar o produto, tenha em mente — e em seu calendário — o próximo evento literário para participar e, enfim, fazer a estreia de sua *skin*. Saraus menores e *slams* não contam, são proporcionalmente muito pequenos e corre-se o risco de uma expulsão. Estamos almejando eventos maiores, como coquetéis de academias literárias, lançamentos de autores relativamente conhecidos e eventos culturais em cidades a mais de 100 (cem) quilômetros de distância de sua residência (excluem-se moradores do eixo Rio-São Paulo).

2. APARÊNCIA. Separe suas roupas mais *pseudocult* possíveis. Chapéus, sobretudo pretos e castanhos (bônus se o local for quente), mocassins,

bolsas a tiracolo — mas em couro legítimo. Corte seu cabelo em franjinha, se for mulher. Óculos escuros, sempre, mesmo à noite. O objetivo é parecer o mais inacessível possível, evitando que plebeus (também chamados “leitores comuns, que não escrevem, só leem, mesmo”) se aproximem de você, frustrando a estreia do produto.

3. MATERIAL. É obrigatório trazer consigo ao menos 3 (três) livros autorais publicados, todos em sua mala de couro (ver tópico 2). Antologias também contam como livros, desde que tenha sua seção marcada com marcador de páginas. Leve seus poemas mais conceituais ou sua prosa poética incompreensível — textos que ninguém entende a não ser você, para poder usufruir da característica de “subestimado” de seu produto.

4. MATERIAL NÃO-FÍSICO. Na bagagem mental, é imprescindível trazer referências e citações — sobretudo citações — com você. Mas nada de literatura ou estudos de cultura. Deixe para trás o Pound, o Benjamin, o Barthes. Psicanálise e teatro é o que está na moda agora entre os literatos, ainda que poetas e estudiosos de poesia. Estamos pensando em Artaud, Lacan, Freud. Não precisa ter lido nenhum deles, não se preocupe.

5. TRANSPORTE. Alguns eventos maiores proporcionam transporte para o local do evento. Aceite sempre, mesmo que isso tire a vaga de alguém que não tenha dinheiro para ir até lá. Pobres? Fora. O transporte é o começo do *networking*, e isso é mais importante do que qualquer outra circunstância empática. Chegue algumas horas antes, ninguém tem paciência para atrasadinhos. Foda-se se você precisa tomar 3 (três) ônibus para chegar ali. Acorde às 4 (quatro) horas da manhã.

6. NETWORKING. Dizíamos que o transporte é o começo do *networking* — e é. Faça uma busca detalhada dos participantes do evento antes do dia, para saber a feição e o currículo de cada um. Procure sempre os editores (mas não nos independentes, esses fracassados; queremos de editora média-alta para cima) e os professores universitários, esses podem colocar estagiários para fazer pesquisas sobre seu trabalho literário (e creditar como se fossem deles, claro). Também pode

arriscar um caso amoroso com alguma escritora jovem nesse trajeto. O próximo ponto tem uma informação crucial para isso.

7. VINHO. Deixe para trás toda a sua medicação de hipertireoidismo: eventos exigem que você fique bêbado (se esse passo for muito complicado, a *skin* “Escritor Contemporâneo Bêbado” é a ideal para você) para flertar — também chamado “assediar”, mas não gostamos dessa palavra — com as escritoras jovens e as estudantes universitárias que apareçam por lá. E para poder suportar aquele poeta chato mais velho que fica colando no seu pé toda vez.

8. LEITURAS MISTERIOSAS. Ensaie as suas leituras para o mais dramático possível. A partir do momento em que você pisa nesses eventos, você se transforma em um *diseur* de poesia. Atue, preferencialmente sem saber atuar. Não precisa decorar o texto; na verdade, as mãos trêmulas segurando o livro ou o papel, ainda após os ensaios, são um fator preferencial.

9. AFTER PARTY. Essa parte é mais importante do que o evento em si. Aqui você encontra o *networking* mais pesado de todos. É a parte que você consegue o WhatsApp daquele cara famoso que vai divulgar o seu livro. Daquela novinha com *daddy issues* que romantiza bastante a sua existência boêmia. Você é o diabinho no ombro direito.

10. A DESPEDIDA. Você agora está totalmente sem saco para os abraços e beijinhos de senhoras de meia idade, mas recomponha-se. É preciso ser mais simpático do que quando você chegou. Sorria sem culpa de não ter feito nada. A culpa é da *skin*.

POSSÍVEIS SEQUELAS APÓS O USO:

1. Uma intimação por assédio sexual (severa).

2. Um linchamento no Facebook (médica).

3. Pedidos ignorados de divulgação e promoção de sua obra devido a insistência e chatice pós-bebedeira dos indivíduos que assim prometeram (branda).

Faça uso de *skins* apenas sob indicação. Mas se não quiser, não precisa.

Massimo Recalcati e A luz das estrelas mortas: ensaio sobre luto e nostalgia - Fragmentos de uma tradução -

Massimo Recalcati talvez seja a maior referência da psicanálise italiana. Trata-se mesmo de um fenômeno: deve ter perto de 40 obras publicadas, desde pequenos ensaios até tijolos em dois tomos sobre Jacques-Lacan, o nome mais cultuado da psicanálise mundial depois de Freud. Porém, o trabalho de Recalcati não para na escrita desses tantos livros. Dá aulas na universidade, atende na clínica, dá trocentas palestras a todo o momento, fez uma série especial de psicanálise na RAI, a maior TV italiana. E ainda é o diretor do Jonas Italia — um centro de clínica psicanalítica que oferece tratamento a preços acessíveis em toda a Itália — e também do IRPA, instituto de pesquisa em psicanálise aplicada. Teoria e prática, como manda boa parte do roteiro da formação em psicanálise.

A biografia acima é só a partir do que eu lembro de cabeça.

Com tantas credenciais, ele é quase unanimidade. Há quem critique sua psicanálise pop, seu papel de divulgador dessa prática e dessa reflexão que costumam ser difíceis para quem pretende ir além do senso comum, das generalizações, dos estereótipos. E das piadas (que, aliás, adoro). Recalcati é alguém preocupado com a transmissão dos conceitos afins à área e associa a psicanálise não apenas a ela mesma, mas à filosofia, à arte, à literatura, à sociedade e, claro e mais importante, à vida singular de cada sujeito. Busca ser simples sem ser simplista.

- I -

Um luto pode se tornar crônico (melancolia), pode ser aparentemente negado (mania) ou pode dar lugar a um verdadeiro e produtivo trabalho simbólico em torno do vazio aberto com a perda do objeto (trabalho de luto).

- II -

(...) ninguém pode voltar da morte, assim como ninguém pode voltar ao tempo mítico onde nossa nostalgia quer nos levar. Nem o trabalho de luto nem o sentimento de nostalgia podem recuperar o que perdemos para sempre.

- III -

(...) a vida humana tende a rejeitar o tempo da morte, gostaria de poder viver sem considerar a presença da morte. No entanto, como sabemos, sua necessidade inelutável se combina com sua contingência imprevisível. Nossa vida acabará com certeza nos braços da morte, mas nenhum de nós pode saber quando. O evento da morte é certo e incerto ao mesmo tempo. É uma das razões, como ensinou Heidegger, que define a angústia como nossa condição afetiva fundamental.

- IV -

Para a psicanálise, as experiências que anunciam a morte estão associadas à angústia de castração. Não por acaso, Freud descrevia o desenvolvimento da vida humana como uma série sucessiva de cortes: da placenta, do cordão umbilical, do seio, das próprias fezes, da própria mãe, do próprio corpo infantil etc. Em cada uma dessas passagens evolutivas, algo está destinado a ser perdido irreversivelmente. Por essa razão, no mito bíblico, o humano (Adão), para poder estabelecer vínculo

com o Outro (Eva), deve ser, em primeiro lugar, *retirado de si mesmo*, deve ser capaz de perder uma parte de si (a famosa “costela”), deve se expor à própria falta e à dinâmica do desejo que o conduz em direção ao outro de si.

(...)

Cada corte tem topologicamente duas bordas: *a separação não se limita a dividir o sujeito do objeto perdido, mas também o divide de uma parte de si mesmo*. Precisamente a parte que mais havia se identificado com o objeto, confundindo-se com ele. É por isso que, quando um amor acaba, sentimos que estamos perdidos. Não perdemos apenas o objeto amado, mas também, junto com esse objeto, perdemos o sentido do mundo e, conseqüentemente, uma parte significativa de nós mesmos. Alguma coisa morre, se apaga, se separa, não existe mais. Portanto, a perda do objeto arrasta consigo também o sujeito, despojando-o de uma parte de seu ser. Daqui vem a expressão de olhar perdido, vazio e angustiado que vemos no rosto de quem está vivendo o luto de uma separação. Ao vazio deixado pela perda do objeto que se abriu no mundo corresponde o vazio que se abriu simultaneamente no sujeito.

- V -

Se seguirmos a lição de Freud, precisamos primeiro distinguir entre a experiência do luto como resposta ao evento da separação como tal e a do luto entendido como trabalho. A experiência do luto como tal é uma consequência direta do trauma da perda. Acontece em relação à morte de uma pessoa querida, mas também diante do fim de um amor, de uma amizade importante, de um vínculo familiar, de qualquer relacionamento que tenha sido significativo para nós. Mas também pode

acontecer quando abandonamos uma cidade ou um país onde crescemos ou quando um ideal coletivo em que acreditávamos profundamente desmorona sem possibilidade de ser recuperado. Em suma, cada experiência de luto se impõe quando estamos expostos à perda definitiva de um objeto que dava sentido à nossa vida. No entanto, a dor psíquica ligada à reação lutuosa é uma dor que diz respeito não apenas à perda de um objeto narcisisticamente significativo, como diria Freud, mas sobretudo à perda do sentido que a presença desse objeto atribuía ao mundo. A recusa do mundo que pode acompanhar o tempo do luto ressalta que o mundo não é mais aquele de antes do trauma da perda e que o mundo como se tornou após esse trauma, não sendo de fato mais o mesmo, é drasticamente rejeitado, vivido como um mundo estranho e hostil. Desse modo, a perda do objeto coincide com a perda do próprio mundo.

- VI -

Trata-se de um encadeamento: perdemos o objeto que dava sentido ao mundo, mas, ao mesmo tempo, por uma consequência inevitável, também o mundo perde seu sentido. As ondas sísmicas provocadas pelo trauma da perda reverberam no mundo, alterando sua ordem simbólica. Por isso, a sensação que temos após um luto significativo é a de não encontrar mais o mundo como o conhecíamos antes, nem de encontrar nosso lugar nesse mundo. Uma espécie de buraco aparece no centro, desestabilizando nossa existência. A realidade nos parece diferente, estranha, dolorosamente implacável. De um lado, permanece a mesma realidade de antes, mas, de outro, sua moldura foi irremediavelmente alterada.

- VII -

O sujeito melancólico vive a ausência do objeto como a forma mais extrema de sua presença, tornando o estado de luto a sua condição permanente de existência. Ele não se desprende de quem o deixou, a ponto de se identificar plenamente com o objeto que perdeu. A angústia melancólica é peculiar porque não é, como Heidegger diria, a angústia diante do nada, mas a angústia diante de um excesso. O objeto perdido, mesmo estando ausente, está em toda parte, ocupa com sua presença a vida inteira do sujeito. É uma condição paradoxal: por um lado, o objeto não está mais lá, mas por outro, ele está constantemente presente.

A angústia melancólica, diferente da angústia mais comum, não é a angústia de separação, mas uma angústia que surge da impossibilidade da separação.

- VIII -

A verdadeira rejeição ao luto ocorre na reação maníaca, que se configura como o extremo oposto da melancolia. Em *Luto e melancolia*, Freud propõe ler a mania como o reverso da melancolia. Enquanto a melancolia parece uma espécie de cronicização do luto, a mania se configura como um radical desconhecimento desse luto. Em vez de experimentar a dor da perda que caracteriza a condição do luto, a mania se apresenta como sua pura e simples negação: o objeto perdido não é idealizado nem desidealizado, mas simplesmente esquecido, deixado cair como um objeto insignificante, desprovido de importância. “Não era nada para mim”, “Não valia nada”, “Não tem significado para minha vida”. Na mania, o trauma da perda é alucinatoriamente cancelado. A reação

emocional dolorosa é curta ou inexistente porque o sujeito se defende desse trauma negando resolutamente sua existência.

- IX -

Na mania, o tempo do luto se revela inexistente. É, de fato, a atitude mais difundida em nosso tempo: morto um papa, como se diz, faz-se um outro. A substituição do objeto perdido por outro objeto reflete bem o procedimento maníaco de negação do luto. É isso que o sistema hipermoderno de consumo patrocina abertamente: a substituição do objeto perdido por um novo objeto aparece como o remédio mais eficaz para evitar a angústia da falta.

- X -

Enquanto, como vimos, a vida do sujeito melancólico é afligida por um peso insuportável, voltada nostalgicamente para um passado irrecuperável, a do sujeito maníaco parece leve, hiperdonista, dedicada a um perpétuo festejar e às futilidades mais vazias. É uma diferença de postura também: enquanto o sujeito melancólico não sorri, fala baixo e de forma monótona, tem a tristeza esculpida no rosto, arrasta seu corpo como um peso, o maníaco mantém a voz sempre alta, estrondosa, caminha com passadas largas, parece ignorar o cansaço, ser incansavelmente propositivo, até radiante, exhibe a si mesmo de forma abertamente excêntrica e muitas vezes inadequada. Enquanto o sujeito melancólico se sente como um trapo, o maníaco manifesta um narcisismo aparentemente fulgurante.

Um paciente maníaco, piloto de avião, contava-me suas performances profissionais e sexuais surpreendentes que se sucediam sem parar, impelindo-o a ignorar o senso de limite. Deixar os interlocutores boquiabertos era sua maneira de ganhar aquele respeito do Outro que lhe faltava na família de origem. O pai, um educador alcoólatra feroz, médico reconhecido e apreciado caído em desgraça por um evento de corrupção, obrigava-o a tomar café da manhã na varanda no auge do inverno, a comer seu próprio vômito, a ficar em pé durante um dia inteiro em um canto de seu quarto se ele apenas ousasse desobedecer a qualquer uma de suas ordens. Neste caso, a mania do sujeito tentava compensar uma profunda ferida narcísica sofrida por um pai traumatizante. No entanto, essa compensação não podia garantir nenhuma estabilidade efetiva, sendo baseada na rejeição daquela ferida em vez de na sua elaboração simbólica.

Por esta razão, os comportamentos maníacos do sujeito não eram apenas a defesa contra uma forte inclinação melancólica, mas também o impulsionavam sempre em direção ao risco vital, manifestando um verdadeiro desejo de morte, como quando, após uma noite inteira de sexo e drogas com uma de suas numerosas amantes, ele precisava que correr de carro, com o tempo contado, para chegar até o aeroporto localizado em outra cidade e partir imediatamente para um novo destino; ou como quando, para provar sua excepcional resistência física, escalava, no verão, por

horas a fio, sem nenhuma proteção, em completa solidão, ao longo das íngremes paredes das Dolomitas.

- XI -

O trabalho de luto implica a experiência emocional-afetiva do luto como sua condição de fundo. Primeiro, há a dor da perda, o desconcerto do nosso mundo interno e externo, primeiro há a morte do objeto amado. Depois, há o tempo do trabalho de luto, o tempo de introjeção que prepara para uma segunda morte. Se a primeira morte coincide com o desaparecimento do objeto, a segunda coincide com a separação do objeto perdido e com sua introjeção. O trabalho de luto permite *a transição entre a primeira e a segunda morte, entre o desaparecimento irreversível do objeto e a separação do objeto.*

Não se trata, portanto, de exorcizar o vazio, mas, como diria Lacan, de saber organizá-lo.

A experiência de nossos inúmeros mortos mostra que toda vez que há separação, toda vez que um corte traumático nos separa do objeto que amamos, há uma parte de nós que morre e uma parte do objeto perdido que permanece conosco.

- XII -

Se o trabalho de luto permite que nossa vida volte a viver e não carregue mais o peso do que foi perdido, isso não significa que possamos negar a ferida que foi impressa de forma indelével devido a essa perda. Trata-se de um verdadeiro processo de cicatrização em andamento. Uma cicatriz é, de fato, uma marca depositada no corpo e que lembra uma ferida. Podemos observá-la também nos corpos de nossos animais: a orelha cortada de um gato que guarda a memória de uma luta pela defesa de seu território; o manquitolar de um cachorro que condensa a memória de um acidente que sofreu na rua.

Mas, diferentemente das cicatrizes de nossos animais, as cicatrizes psíquicas, embora permaneçam invisíveis, estão perpetuamente vivas, nunca param de sangrar, nunca cicatrizam totalmente. São o sinal visível do caráter necessariamente incompleto de nossos lutos. É a partir desse resto que não pode ser totalmente integrado ao nosso Eu, nem simplesmente dissolvido no esquecimento, que surge o sentimento de nostalgia.

- XIII -

“A nostalgia não aflige apenas aqueles que partiram e estão distantes — exilados — de sua pátria e de sua casa, mas também aqueles que ficaram à espera”, mas também aqueles “que nunca puderam viver o que esperavam da vida. Nesse caso, a nostalgia afeta mais o futuro do que o passado. A vida vivida na renúncia e no sacrifício da vida sente a nostalgia por uma vida plena que nunca foi vivida. É o tema das oportunidades perdidas, daquilo que poderia ter sido e nunca foi. É a figura

do “outro lugar” no qual cada um de nós pode projetar a silhueta do próprio desejo, impedindo que a realidade suprima nossos sonhos”.

- XIV -

Não por acaso, Sartre considerava os seres humanos como viajantes com passagem só de ida. Todo retorno está interdito: não existe possibilidade de retornar à vida depois da morte, não existe possibilidade de retornar ao corpo da mãe, não existe possibilidade de nos reapropriarmos de nossa origem. O êxodo da existência exclui o fechamento do círculo e impõe um infinito sem totalidade. Ser viajante com passagem só de ida significa que nossa passagem não prevê nenhum retorno ao lar. Condição permanente de exílio, portanto, justamente porque, na verdade, não haveria nenhum lugar para onde voltar. Nem a origem, nem a pátria, nem nossa mãe. A etimologia da palavra “nostalgia” vem do grego *nóstos* (retorno) e *álgos* (dor, sofrimento): é a impossibilidade do retorno a determinar a dor para a qual o retorno gostaria de ser o remédio.

- XV -

Essa primeira versão da nostalgia se revela, portanto — para usar uma eficaz expressão de Pontalis —, como uma “paixão pelo imóvel”: o sujeito nostálgico gostaria de combater o devir do tempo, impedir o distanciamento de sua mãe, de sua casa, de sua terra, de suas raízes. A seus olhos, a única possibilidade de salvação já ocorreu e, portanto, resta apenas tentar insistentemente recuperá-la, reanimá-la, reencontrá-la. É o esforço absurdo a que se dedica o protagonista de *A última gravação* de Krapp, de Beckett: interromper a passagem do tempo gravando todos os dias em uma fita os eventos de sua vida. Era o mesmo esforço empreendido por um antigo paciente meu: fotografar-se todos os dias ao menos uma vez para tentar deter o fluxo do tempo, para tornar imperceptíveis as transformações às quais o tempo submete inexoravelmente nosso rosto.

- XVI -

O passado não jaz como um corpo inerte — para Nietzsche, como “o peso mais pesado” — situado às nossas costas, não é algo que simplesmente já foi, já aconteceu, já foi visto, já foi conhecido. Em vez disso, a experiência da análise revela que é a nossa palavra — a narrativa de nossa história — que pode transformar de maneira inédita o nosso passado.

- XVII -

A experiência da análise reúne os fragmentos do nosso passado em uma forma nova. Não se trata tanto de percorrer os eventos objetivos que marcaram nossa história, mas de dar a eles uma forma inédita. Nesse sentido, nossa história não está contida no baú da memória, mas é sempre o resultado de uma ressignificação posterior do que já foi.

- XVIII -

[Sobre a morte de um grande mestre]: Até hoje, enquanto falo, enquanto dou, como se diz, uma aula, concentrado em meus pensamentos, acompanho minhas palavras com gestos e percebo que o carregamento comigo. Em minhas palavras e em meus gestos, assemelho-me a ele, repito algumas características inconfundíveis de seu estilo. Dessa forma eu o retiro a cada vez da névoa em que ele caiu, resgato suas palavras nas minhas.

(...)

Primeiro, portanto, o peso doloroso do luto e de seu trabalho atroz, depois a incorporação do resto irreduzível do objeto perdido. Algo dele ou dela sempre permanecerá conosco, acompanhará nossa existência como a luz das estrelas mortas. É porque levamos conosco nossos mestres, nossos amores, nossa infância, os detalhes indelévels de nosso passado que podemos dizer que o trabalho do luto jamais pode dissolver integralmente o objeto perdido, mas apenas transfigurá-lo em um resto vivo que incorporamos a nós mesmos.

- XIX -

Nos meses seguintes à morte de Claudio Lolli, histórico cantor e compositor italiano, ocorrida em agosto de 2018, quando me acontecia de ouvir a sua voz — não as suas canções, mas a sua voz nas suas canções —, eu me afundava em um choro intenso. Incontrolável a tal ponto que eu me surpreendia a cada vez e me perguntava: “Mas o que é isso? O que era? O que ressurgia de forma tão avassaladora nessas lágrimas?”. Por um lado, eu sabia responder claramente àquela pergunta. Ele havia sido para mim o irmão que eu nunca tive, um irmão mais velho, aquele cujas palavras podem ajudar, jogar para cima, dar alento nos momentos mais sombrios, cuja presença pode ser um ponto de luz que reorienta nosso caminho quando nos perdemos. Por outro lado, no entanto, aquele choro intenso continuava, justamente por sua natureza incontrolável, totalmente sem explicação. Sobretudo porque não eram as canções e suas letras que me afetavam, mas sim a voz na canção, a sua voz inconfundível. O real da voz emergia na letra de sua música como uma verdadeira presença, um corpo que eu havia conhecido e amado e que eu sabia que não estava mais entre nós.

A voz de Lolli assemelhava-se assim ao segredo do detalhe, a um punctum que excedia a gramática das palavras e o seu sentido. O que toda a vez me atingia era a trama densa, a textura, a consistência da voz.

(...)

Um fio invisível nos conecta, de fato, aos artistas que amamos. Eles nos ouviram e nos responderam. A fruição de uma obra de arte não se funda jamais na recepção passiva da música, das imagens ou das palavras, porque aquela música, aquelas imagens e aquelas palavras já são respostas ao nosso segredo; são eles que vêm até nós, e não nós que vamos até eles.



UM BEBÊ QUE
RASGOU O EJO
DO PEITO DA MÃE
PARA AUMENTAR
O FLUXO DE LEITE
E ASSIM OTIMIZAR
O TEMPO DE AMAMENTAÇÃO
EM SUA ROTINA DIÁRIA

catarina



MÃE QUE
USA O CORDÃO
UMBILICAL COMO
COLEIRA PARA MANEJAR
NATURAL SUA
OBSESSÃO PELO
FILHO

catarina



MOÇA QUE ANTE PUNHA
PARA ESCULTURAS NA
TENTATIVA DE SE INSERIR
NO CENÁRIO DA ARTE
CONTEMPORÂNEA

catarina



ABUTRE QUE
COME AS PRÓPRIAS
ENTRANHAS PARA
EXPLORAR O ESTUDO
DA METALINGUAGEM

catarina

Da inviabilidade da crítica

Dizem que Jornalismo é publicar tudo aquilo que não se quer que se publique. Todo o resto é publicidade. A frase é uma lição também para a crítica literária: ela não está a serviço do portfólio do autor, da contracapa do seu livro ou de seu perfil numa rede social. Se a crítica não serve, antes, ao leitor que ao próprio escritor, alguma coisa está errada.

E talvez porque hoje grande parte dos leitores de ficção sejam, eles próprios, escritores, tenhamos que ouvir ultimamente tantas opiniões no sentido contrário: de que, num país que pouco lê, usar de um espaço privilegiado como um jornal ou uma revista para criticar negativamente um livro seja um “desserviço” à literatura, um tiro pela culatra, considerando tantos bons lançamentos que não merecem o mesmo espaço.

É um argumento curioso, que nos faz atentar para questões relevantes como a responsabilidade da crítica e dos espaços de validação cultural num contexto problemático, que vai além do livro como mero produto e abarca também seu papel num construto social tão marcado, aqui no Brasil, pelo preconceito e pelo alijamento de vozes dissonantes.

Por mais interessante que seja essa perspectiva, porém, mais problemático ainda me parece, a pretexto de atentar para tais questões, promover o cerceamento da crítica e privá-la de um atributo fundamental, quando estamos falando de todo e qualquer discurso num ambiente democrático: a liberdade, a possibilidade de, inclusive lançando luz às sombras e revelando as frestas que há em outros discursos, iluminá-los e conferir a eles novos sentidos (dando mais uma volta nesta enorme colcha de retalhos que, como Barthes dizia, é o texto, um tecido que começou a ser urdido muito antes do próprio autor — e terminará muito depois dele).

Isso não exige a crítica de qualquer postura ética no ato de criticar. Muito ao contrário: isso exige dela ainda mais rigor e ainda mais compromisso, e toda boa crítica deveria nos oferecer parâmetros claros, seguros e consistentes, para a leitura de um livro (algo que nem sempre ocorre, contaminada que a crítica está — e Henry James diria que sempre esteve — pelo mau resenhismo e pela vocação do Jornalismo de produzir bonecos em vez de passageiros, na viagem que diariamente promove em suas plataformas).

Mais curioso ainda que o próprio argumento é o fato de que ele é recorrente entre muitos escritores e escritoras cujas ideias, no debate público, são progressistas, no espectro da maioria das pautas discutidas dentro e fora da literatura. É um fato revelador, e expõe com uma certa contundência uma ironia que, em alguns anos em contato com o meio, eu pude constatar de algumas formas muito desagradáveis: traçado por mentes progressistas, todo o sistema literário brasileiro ainda é, em suas práticas, tão conservador quanto quando Antonio Candido cunhou o termo, pensando em escritores, editores, críticos e leitores que hoje, como ele, já estão mortos.

Práticas como o tráfico de influências (que muitas vezes se esconde sob o manto das críticas elogiosas, diga-se de passagem), tão justamente execradas na esfera política, não soam tão condenáveis, por exemplo, no meio literário, onde já vi muita mão se sujar nisso de que uma lava a outra, e muita vista grossa se faz e muita sujeira vai parar debaixo do tapete porque todo mundo está mais ou menos lascado, então tudo bem tirar uma lasquinha.

Tudo isso urge ser debatido, e não é tratando nem o autor, nem o crítico, como figuras de um reality show, com fandoms virtualmente dispostos a matar e morrer por eles, que vamos além da superfície do debate. Se a crítica, positiva ou negativamente contaminada pelo afeto e pelo tráfico de likes, é inviável, nos cabe indagar até que ponto a literatura filtrada por tudo isso ainda é.

Só aí estaríamos, talvez, perto de fazer emergir, do lodo que está na superfície contemporânea, algo do caldeirão que se esconde por baixo.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



Empresário brasileiro anuncia a nova Arca de Noé: “Arca, não: Nave”

*Carlinhos Telles conta com exclusividade ao **RelevO** sobre seu novo empreendimento, que passa por uma crise interna na execução do projeto e se vê ameaçado por uma CPI, batizada provisoriamente de CPI da Capivara.*

Na virada do ano, Carlinhos Telles, 63, empresário do ramo de ser empresário, jurou aos herdeiros e à sua mais nova namorada, depois de um bom demi-sec no Golfo Pérsico: em 2023, ele iria *realmente* inovar. Enganou-se terrivelmente quem pensou que Carlinhos investiria em clubes da Série A do futebol brasileiro ou que compraria a marca Catupiry só pelo prazer de obrigar as pessoas a pedir pizza de frango com Tellepiry. Carlinhos quer mais. Carlinhos quer o topo – mas não do Ibovespa, e sim de todo o ecossistema do Planeta Terra. Carlinhos Telles promete, para dezembro (enfim!), o primeiro cruzeiro Arca de Noé, uma releitura livre e um pouco mais cara da clássica passagem bíblica, só que com internet, serviço de bordo e a banda Jota Quest.

Em uma conversa descontraída entre a equipe de reportagem do Jornal, o delirante empresário e seu time de seguranças – que já inclui um pequeno e “muito inteligente” babuíno (responsável indireto por quatro analogias totalmente impublicáveis pelas quais o **RelevO** foi devidamente subornado, para não dizer intimidado [por um time de seguranças e um enfezado babuíno], a omitir) –, descobrimos detalhes do empreendimento que promete revolucionar o conceito de biodiversidade.

Abaixo, destacamos os principais trechos da entrevista que o bilionário cedeu ao Jornal, e não à *Forbes*, veículo

que, no começo de junho, publicou um dossiê “completamente estapafúrdio” sobre exportações chinesas, relacionando uma “disparatada” mão de obra escrava ao Grupo Telles. Infelizmente, a equipe do Jornal não pôde ler o material em tempo para esta edição e aproveita para agradecer pelo envio anônimo de duas caixas de prosecco à redação.

Jornal RelevO: O que exatamente é o cruzeiro Arca de Noé?

Carlinhos Telles: Bem, não é um cruzeiro, é uma expedição, a *minha* Arca de Noé. [Nesse momento, Telles bufava sem muita discrição, fita o babuíno e lamenta: ‘Vai dizer que você não é mais inteligente que um jornalista, Mike?’] Construirei o maior navio do mundo, com mais de 100.000 metros de comprimento, 1.000 metros de largura e capacidade para mais de 10.000 espécies de animais, incluindo os coalas. Me perdoem: mas pensem num animal idiota... Já tive dois. Sei de galinhas mais espertas. A previsão é que façamos a partida na virada de 2023 para 2024. Vou aproveitar para celebrar os três meses de namoro com a Stephanny.

JR: Mas aí o senhor teria que começar a namorar em setembro... Pois bem: como será o critério para a entrada de animais na arca?

CT: Meu Deus... [Telles novamente

se direciona ao seu babuíno de estimação, murmurando: “a que me submeto?”] Você ao menos se preparou para a entrevista? Leu a passagem bíblica? Serão dois animais de cada espécie, ora.

JR: Mas e no caso de animais com espécies regionais? Tipo, tem 22 tipos de tucanos.

CT: Fodam-se os tucanos. Mike, anota aí, não quero tucanos.

JR: Com relação aos humanos, se só podem entrar dois exemplares da espécie, quem vai pilotar a Nave? Os animais terão acesso a algum tipo de *cruise staff*?

CT: Finalmente, uma boa pergunta. Quem vai pilotar a Nave é nossa inteligência artificial construída especificamente para essa missão, oras. O Tell-e-pata. Sobre a segunda pergunta, não entendi e não faço questão. Próxima.

JR: Os biólogos se revoltaram com a sua proposta de recriação da Arca de Noé sob a alegação de riscos sanitários e de descontrole da população de animais da Nave. O que você pensa para evitar um colapso do ecossistema do veículo?

CT: Ah, isso aí já deu, né? Vamos impedir o coelho de transar agora? Chimpanzé de lamber c*? Aliás, todo mundo sabe que biólogo não transa. Se transasse, não teria tempo para limpar pedra [Telles é alertado por um dos

vigilantes sobre o fato de biólogos não limparem pedras, então agradece ao babuíno. “Claro; obrigado, Mike”]. Enfim, os animais que se matem, se quiserem. Eu vou para passear.

JR: Pera lá. Tudo isso é para... passear?

CT: Sim. E homenagear Deus ou algo assim.

JR: Onde?

CT: Estamos decidindo. Vai ser comunicado. Infelizmente tem sido logisticamente complicado juntar todas as espécies do planeta num lugar só. Animais são muito frescos. Muito mais do que eu imaginava. Que culpa tenho eu se um panda passa calor em Mangaratiba ou se um alce não entra numa suíte? Até por isso minha *startup* paralela, Air, logo logo lançará o primeiro peixe fora d’água do mercado. A Air logo estará nas mãos do Mike, eu chamo vocês para a coletiva do anúncio. [Telles cochicha sem muita discrição: “Não credencia esse repórter do Rascunho aí não...”].

JR: Muitas associações estão questionando o caráter cis da Arca de Noé, que normatiza o velho esquema homem x mulher.

CT: Faz o seguinte: corrige lá na Bíblia que eu atualizo aqui, ok? Prometo. Né, Mike?

JR: Falando nisso, você poderia relatar



as principais dificuldades e aprendizados nesse percurso de brincar de Deus?

CT: Bom, eu de fato subestimei a quantidade de espécies do planeta, o que tem me onerado mais do que esperava. Tô abismado com a sagacidade de Noé naquele tempo, sem *budget*, plano de ação e rede social [ri]. Como que convocou os bichos sem 5G? [ri novamente] Como lidou com os filhotes de 0 a 35 anos? Será que o maluco fez reserva pra não dar *overbooking*? [ri muito] Agora falando sério: como ia saber que tinha mais de um tipo de rinoceronte, car****? Ou pitbull fêmea? Mike, viu que cavalo-marinho é macho e fêmea e também travesti? O bicho é tipo um *home theater*. Sei lá, é estranho. Na dúvida, vai só um cavalo-marinho e aí a gente compensa com três Stephanny. Te falei que vamos celebrar oito meses de noivado?

JR: Desde maio, você vem anunciando os animais selecionados para a Nave. Por que você convocou o meia-atacante Nenê, do Juventude?

CT: Ele que me apresentou à Stephanny num rodeio em Cascavel. Como bom empresário, também quis surpreender e afastar piadinhas com

[Paulo Henrique] Ganso, [Alexandre] Pato, [Wellington] Caça-Rato e afins. Mas estou sim negociando com o Yago Pikachu, digo isso em primeira mão – vocês deveriam agradecer.

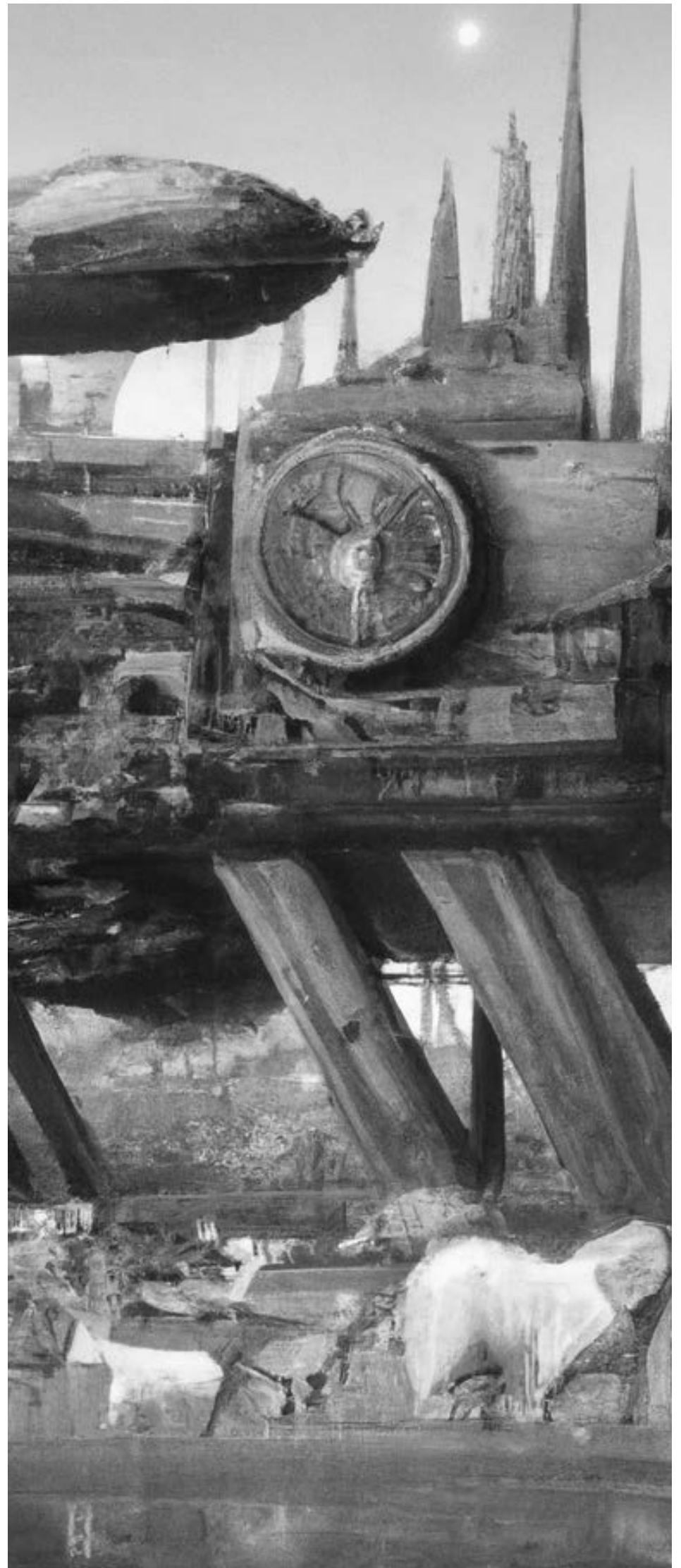
JR: Obrigado?

CT: Sim.

JR: E sobre a CPI?

CT: Isso é com o Mike e os meus advogados. Não devo nada. O Sul, o Norte, o Centro, tudo será meu país, meu mundo, meu universo. [Mike se agita e arremessa um osso para cima. O *home-theater* do ambiente – que atende por “cavalo-marinho” no Bluetooth – passa a tocar ‘Danúbio Azul’ assim que o babuíno Mike segura o osso com o braço direito, caminhando lentamente em direção a Carlinhos.] Acho que... chega por hoje... Mês que vem... mês que vem vocês voltam.

Somos sutilmente escoltados para fora da sala. O Grupo Telles promete continuar divulgando informações sobre a Nave de Noé em suas redes sociais.



ACIDENTALMENTE VIVOS

*Em mais um esforço de reportagem e de preenchimento do tempo livre, o Jornal **RelevO** relata o cotidiano de degenerados da “melhor idade”.*

Bomba de chocolate, roleta-russa de tequila e carne gorda na segunda-feira. O dia a dia de Astolfo “Pudim de Carlton” Padilha, 74 anos, de Palotina-PR, pode ser considerado o avesso do que os manuais de boa conduta alegam ser a melhor abordagem depois de certa idade. “Rapaz, quanto menos me esforço pra viver, mais energia a vida me dá”, alega Padilha, numa frase que levou um cigarro inteiro.

Todo dia, nos grandes centros urbanos brasileiros e em outros lugares com internet, cresce um novo fenômeno comportamental difícil de ignorar: a Geração F (de “*press F to pay respects*”, ou F***-se). Para Bóris Vilau, sociólogo especialista em velhas tendências e novos desgastes, o surgimento da Geração F é apenas a ponta de um iceberg mais profundo e que pretende questionar a relação entre jovens e idosos para sempre.

“Desde a chegada dos portugueses, o brasileiro – ou, como gosto de chamar, pós-português – é meio chegado em desrespeitar o que apontam os especialistas de qualquer área, especialmente em saúde (e, lamentavelmente, os sociólogos). Pior: além de fazer tudo errado, a gente curte muito cagar regra para idoso. Uma hora isso ia explodir”, sentencia. “Aliás, quem nunca tomou remédio por conta própria, decidiu suspender um tratamento mensal depois de três dias de melhora ou introduziu um vegetal em si mesmo?”, questiona Vilau, ele mesmo um senhor de 67 anos da Geração F, com a carteira vencida desde 2019. “Os pneus são carecas, mas a cabeça tá cheia de cabelo, oh”, ele aponta, a uma distância excessivamente próxima do rosto do nosso repórter.

Figuras como Astolfo Padilha são cada vez mais comuns neste vasto Brasil, de acordo com Vilau. Os gradativos avanços estruturais do país ao longo das últimas décadas, a diminuição da miséria e a expansão das academias ao ar livre explicam, entre (vários) outros fatores, como tantos vovôs e vovós suicidas não conseguem morrer – a despeito de seus esforços.

Ciente disso, “Pudim de Carlton” – que sobreviveu ao próprio Carlton (hoje Dunhill) e não usa redes sociais, mas se mantém conectado por meio de inúmeras mensagens de voz no WhatsApp (este configurado com ampliação da fonte em 150%) – mantém um grupo de “imortais” de todos os cantos do Brasil.

Em linhas gerais, a Geração F parece cansada, tanto física quanto emocionalmente, das dicas de bem-estar de seus filhos e netos e da denominação ditadura da saúde, engendrada por quem não tem lombalgia, frequenta o pilates diariamente e toma chás de purificação. É o caso não de uma pessoa, mas de uma cidade inteira: Valinhos, na Região Metropolitana de Campinas, onde todos os idosos marcharam, em 6 de junho, pelo Dia Mundial da ToxiCidade. Raul Pancetta, 73 anos, organizador da marcha – e amigo pessoal de Astolfo Padilha – contou mais detalhes no Bar do Joca, melhor fumódromo fechado da região:

“Estávamos no bingo da Dona Helena quando eu e o Teodoro percebemos que o salão todo estava consumindo Coca-Cola sem açúcar e batata doce – que o Jorjão ainda chamou de ‘proteína da natureza’, aquele burro desde os anos 60. Ficamos doidos com

aquilo tudo, aí resolvi pegar o microfone, xinguei muitas pessoas e desafiei quem tivesse coragem a realizar um Dia de Lixo. Mas lixo mesmo, pra fazer tudo que é considerado errado, em prol do fim dessa cultura da saúde”, conta. “De repente, o Ademir aplaudiu, a Irene também, e rolou uma ovação espontânea. Só a Juceli não aplaudiu porque não ouviu mesmo”.

A programação do Dia Mundial da ToxiCidade foi definida com espantosa rapidez, sendo recheada de pequenos golpes na Medicina somados a alguns distúrbios à segurança pública. Neide Berdiche, 79, doceira, mãe de dois filhos e avó de cinco netos, “eu amo todos os quatro”, batizou os bolos da Panificadora Dois Amores apenas usando os zip locks descartados pelo filho.

“Foi bonito de ver, sabe? Meu filho mais novo, o Joãozinho, sempre foi um maconheiro dos mais sem-vergonha, nem sei como passou no concurso de Diadema. Mas herdou de mim a mão boa pra doce. Aproveitei os contatos dele com fornecedores de verdinha para divulgar o bolo mais viajado da história de Diadema”, orgulha-se. “E do Brasil também. Os holandeses, reconheço, são melhores”. Apenas maiores de 60 anos tiveram vouchers para provar a iguaria. “Não foi difícil impedir os jovens de provar o bolo. Bastou colocar uma bandeira do Brasil e dizer que a gente só aceitava dinheiro vivo”, recorda Neide. “Nunca vi tanto velho dormindo tão bem”, complementa.

Se a programação matinal teve picos de insulina e soneca prolongada, à tarde as coisas ficaram mais intensas,

com atividades concentradas no Clube Sobânia e encerradas com intervenção comedida da polícia. A razão do desentendimento entre idosos e o poder público foi a atração Tiro aos Novos, em que cidadãos entre 20 e 29 anos eram supostamente submetidos, na entrada do Clube, a arremessos de alimentos e de copos de bebida cheios, alguns com urina. “A vó ficou doida, pel’amor de Deus!”, gritou Camilo Durães. Ele foi um dos 45 jovens que denunciaram à Guarda Municipal a série de abusos cometidos por idosos na portaria do Clube.

“A gente foi levar os nossos avós porque todos disseram que ia ter ponche e não queriam voltar dirigindo ou não sabiam usar Uber. Fomos de boa-fé”, relembra Durães. Chegando lá, segundo relatos contraditórios, o espaço teria simplesmente uma cabine de VAR com vários idosos controlando uma série de atividades humilhantes aos jovens, além de uma mesa de comando com projéteis de última geração. A organização do Dia Mundial da ToxiCidade alega que os idosos apenas estavam fazendo um curso da Prefeitura.

Da palestra antiterapia à cartela de remédios vencidos, intrigou a polícia, sobretudo, a prática de arremesso de celulares novos. Questionado pela reportagem, Altair dos Santos, 82, que de santo não tinha nada, esclareceu. “Esses vermes passam o dia inteiro no Instagram e no TikTok e depois não conseguem trocar uma torneira. Cansamos de ser chamados de idosos por esses monte de bosta: acabou a paz (e a senha compartilhada da Netflix)”. Em nota oficial, a Polícia Civil considerou



o comportamento dos idosos como lamentável no plano do efeito, não necessariamente da causa. “Tinham que arremessar artefatos mais pesados. Essa molecada de Valinhos é muito inútil”, alega o Sargento Domingos. “Desconfio que o meu filho de 14 anos nem sabe atravessar uma rua. Quem precisa de GPS pra comprar pão? Tutorial no YouTube pra amarrar sapato? Hoje a gente precisa ensinar essa cambada a usar o Word”.

À noite, os idosos que não foram fichados simplesmente beberam todo o estoque do Bar do Miro e muitos foram no 24h para tomar soro ou “apenas pelo rolê” (palavras deles), já que não tinha mais nada para fazer em Valinhos depois das 3h. Para o mecânico Argemiro Stoppa, de 83 anos, 34% de visão, a experiência foi libertadora. “Pela primeira vez senti o que é dirigir intencionalmente furando os sinais vermelhos”, conta com os olhos vermelhos de bolo. “O que é um sinal vermelho pra quem tem osteoporose?”, indaga, sendo repreendido pelo filho de 30 anos. “Cala a boca e paga o aluguel, seu m***dinha!”.

Rebeldes sem calma

Ainda em Palotina, Astolfo Padilha, que não quis participar do evento em Valinhos (“com todo respeito, mas por que diabos eu iria pra Valinhos? Não tenho mais idade pra isso, não”), revela mais detalhes sobre o grupo de “imortais”, hoje com 518.287 membros no WhatsApp, onde é proibido desejar bom-dia e um membro foi expulso didaticamente por escrever “tmj”.

“Em algum momento, quando ainda éramos só uns 14, a gente achava que era realmente imortal. Veja, você junta uma dúzia de senhores acima de 70, todos fumantes, todos bêbados como uma esponja esquecida no ralo, sem cinto de segurança, sem plano de saúde, e todo mundo super bem. Aí o Laércio, sempre muito prático, quis testar a teoria. Ele pegou a 38 (que ficava exposta no criado-mudo da sala, para desespero dos filhos, que já limitavam as visitas dos netos) e, depois de umas tantas Ypiócas, pensou ‘eu sou imortal, vou meter um balaço na cara agora e provar isso!’”. Ansiosos, perguntamos o que havia acontecido com Laércio. “O que vocês acham? Morreu na hora, pô. Mas foi um baita aprendizado — agora a gente é sem limites, mas com alguns limites”.

Diferentemente do Windows Vista, a Geração F veio para ficar. Por quanto tempo? Muito difícil dizer. Todos já superaram suas respectivas expectativas de vida. Se por um lado é natural presumir que não sobrarão uma alma viva desse meio milhão de participantes dentro de três anos, as estimativas variam — até pelo surgimento da prática de falsidade ideológica de adultos que querem chegar logo à faixa da loucura para se livrar de vez dos grilhões de não pertencer à Geração F. Muitos relatos dão conta da existência de uma indústria clandestina de envelhecimento precoce. “Se você é velho, pode gritar sozinho ou fingir que furtou por engano”, confessa uma fonte do Jornal.

“Eu tenho certeza absoluta de que vou viver até os 147 anos”, assegura Neide Berdiche enquanto enrola um

baseado ao pilotar sua moto sem capacete, instantes depois de quebrar o cartão de isenção de transporte público. “Quando meu marido morreu, já há quase três décadas, me dei conta do quanto eu tinha desperdiçado me arrastando com aquele broxa. Eu não vou descansar enquanto não compensar todo — eu disse *todo* — segundo de vida que gastei com ele. Quer uma bala?”, conclui Berdiche.

Astolfo, Bóris, Raul, Neide, Altair e Argemiro têm algo em comum, além de 500 anos somados: a vontade comovente de saborear a vida até seus limites, flertando com a morte de forma destemida, sem vergonha ou noção alguma. “O medo é um sentimento abstrato”, sinaliza Raul, diretamente da delegacia de Valinhos, onde — após urinar num carrinho de bebê (“vazio, obviamente”) — aguarda o pagamento da fiança por parte da filha Rosecler. “Assim como a felicidade e a cirrose”. Atento, ele intercepta o primeiro sinal de correção da reportagem. “Ah, me deixem em paz”.



A NOVA VOZ DO BRASIL

A BESTA

Ele forçou a tranca da porta com os pés e entrou, arrebetando tudo. Roubou-me o coração do peito e foi correr com ele nos braços, belo monstro, selvagem, indômito. Eu os observei à distância, brincarem juntos, tudo que é brinquedo. Joelhos luxados. “Olha mamãe”, ele me disse do batente. Voltou pro meu peito todo arrebetado.

Yueh Fernandes
“Micros, Uai!”

pousa a libélula –
sua visita de médico
prescrição poética

Alvaro Posselt
@haikaibrasil

Quando a arte sonha a vida
abrindo um leque de espantos
acende um facho, ilumina,
esculpe o gesto e a fúria,
latejando nas figuras,
se espalhando pelos cantos.

Flávia de Queiroz Lima
“Laços e Avesos”

A Editora Pangeia surge no cenário brasileiro como grande expoente da cultura nacional e suas nuances regionais, valorizando e dando voz a artistas locais através do reconhecimento da grandeza de sua literatura.

A voz das Minas Gerais surge maiúscula nos microcontos selecionados e premiados no “Micros, Uai!”, volume que reúne de autores consagrados e reconhecidos a autores novos e estreantes, autênticas revelações das novas vozes literárias das Minas, dos Geraes e de outros rincões em que as raízes do uai se manifestam em consonância com oxentes, tchês e gaiatos.

Não é a primeira vez e nem será a última que a Pangeia Editorial realiza concursos nesse nível, já realizou o mesmo feito internacionalmente, com escritores africanos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe, no livro “Micros-África”.

A Pangeia nasceu, em 2018, exatamente com a proposta de dar voz às minorias e viabilizar publicações fora do *mainstream*.

O sucesso desse princípio inclusivo e a alta aceitação e reconhecimento da sociedade civil, acadêmica e literária foi tão grande que, após dois anos da fundação, criou mais dois novos Selos Editoriais, duas novas Coleções de destaque e um novo perfil exclusivamente para divulgação literária de haikai. No momento, em todos os selos, conta com mais de 100 obras publicadas.



Pangeia Editorial: Selo Acadêmico de Ciências Humanas e de livros de interesse geral.

Eu, Professor: Coleção que reúne memórias, biografias, entrevistas e síntese da obra de professores que são referência na Educação Brasileira. A história de nossos Grandes Mestres.

Haikai-Brasil: Perfil de divulgação de haikin e poemas brasileiros no espírito da poesia oriental.



Edições Dionysius: Selo de literatura para autores iniciantes e consagrados e também tradução de clássicos universais.



Edições Saruê: Selo de livros infantojuvenis.

“Meus parabéns! O livro ficou muito, muito bonito.

O movimento dado ao texto, como se ele estivesse balançando, como ondas. As fontes escolhidas, os corpos das fontes. Ficou demais.

Os bordados nas ilustrações ficaram maravilhosos.”

Mauro Martins
Autor de “A vizinha da Avó Zinha”

“A Pangeia surge com uma proposta de reflexão sobre o fazer e o interpretar da palavra, na sua feição literária e acadêmica.”

Alciene Ribeiro Leite
Autora de “Mulher Explícita”

“A Pangeia é uma editora muito especial, que reconhece o trabalho de todos na equipe.

Em 13 anos na profissão de designer, nunca em lugar algum me pediram bio e foto para constar nos livros, somente na Pangeia.”

Tatiana
Design da Soluções Criativas

Conheça mais sobre a Editora Pangeia!

www.editorapangeia.com.br

@pangeia.editora | @edicoes.saruê | @edicoes.dionysius | @haikai.brasil | @eu.professor.pangeia

DEU GREEN!

**Ganância,
dopamina,
Dostoiévski,
operação
Penalidade
Máxima**



Prompt: "Cassino medieval mas futurístico onde um homem russo aposta a vida na roleta (representado por Botticelli)" — DALL-E.

E N C L A V E

a newsletter do **Jornal Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

“ Por mais ridículo que seja eu ter esperado obter tantas coisas na roleta, me parece ainda mais ridícula a opinião rotineira, aceita por todos, de que é tolice e absurdo esperar alguma coisa do jogo. E por que o jogo é pior do que qualquer outro meio de ganhar dinheiro, por exemplo, digamos, o comércio? É verdade que, de cem que jogam, só um ganha. Mas o que é que eu tenho a ver com isso?”

Não faz muito tempo que algo mudou na nossa relação com os esportes.

Casas de apostas conquistaram terreno na internet, então dominaram os espaços publicitários, depois os estádios de futebol, depois os uniformes. Compraram licenças de campeonatos. Palavras (esses sintomas infalíveis) emergiram: *bet*, *green*, *odds*. Com os atalhos tecnológicos de que dispomos, tornou-se estupidamente *fácil* apostar. Surgiram apostadores profissionais, grupos, consultorias – tudo muito *normalizado* (afinal já vemos nas taças, nos estádios, nos uniformes...).

Agora, para surpresa de provavelmente ninguém, descobrimos que as apostas também se apossaram de alguns atletas. Não atletas de várzea, sem contrato ou qualquer tipo de rede de proteção. Atletas de elite, jogadores de primeira divisão. A operação Penalidade Máxima tem se encarregado de investigar – e ainda estamos no começo do fio.

Sobre a febre

Apostas não são nem de longe uma invenção contemporânea. Ao contrário: foram necessários *milênios* até que alguém se dispusesse a teorizar sobre esse ato tão intrínseco à diversão humana, capaz de preceder até a escrita. Estamos falando de uma das atividades mais antigas da nossa espécie.

“ Antes de morrer [em 1576], Gerolamo Cardano queimou 170 manuscritos não publicados. As pessoas que vasculharam suas posses encontraram 111 textos sobreviventes. Um deles, escrito décadas antes e aparentemente revisado muitas vezes, era um tratado em 32 capítulos curtos. Intitulado O livro dos jogos de azar, foi o primeiro na história a tratar da teoria da aleatoriedade. As pessoas já apostavam e lidavam com outras incertezas havia milhares de anos. (...)

Para qualquer pessoa interessada em apostar nos tempos de Cardano, todas as cidades eram Las Vegas. Em toda parte eram feitas apostas – jogos de cartas, dados, gamão e até mesmo xadrez. (...) Assim, fazendo sua entrada no mundo das apostas, Cardano passou a jogar os jogos governados pelo puro acaso. Em pouco tempo, já tinha economizado mais de mil coroas para pagar seus estudos – mais do que ganharia em uma década com o estipêndio desejado por seu pai. Em 1520, matriculou-se como estudante em Pavia. Pouco depois, começou a escrever sua teoria das apostas.”¹

Fiódor Dostoiévski era viciado em roleta. E embora perder R\$ 60 numa aposta sobre número de escanteios num Avaí x Londrina não faça de nenhum de nós um Dostoiévski, é interessante pensar que a mente capaz de produzir *Os Irmãos Karamázov* carregou vícios semelhantes aos de, bom, quem assiste a (e perde dinheiro com) um Avaí x Londrina. Somos todos humanos, portanto escorregamos.

O gênio russo era tão enroscado com as apostas que, famosamente, escreveu *O Jogador* (1867) em menos de um mês para sanar – entre vários outros problemas financeiros – dívidas de jogo.

“ Para obter o dinheiro de que precisava com urgência, Dostoiévski assinou um contrato draconiano em que se comprometia a entregar um romance, com um número determinado de páginas, até o dia de 10 de novembro de 1866. Caso contrário, os direitos de todos os seus livros posteriores passariam ao editor por nove anos. Para piorar, todo o dinheiro que recebeu ao assinar esse contrato acabou perdido, logo depois, justamente numa viagem alemã de Wiesbaden, famosa por seus cassinos.”²

Em primeira pessoa, *O Jogador* acompanha Alexei Ivanovich, tutor apaixonado que logo se vê, previsivelmente, enroscado com o cassino. O romance ficou mais famoso por este paratexto do que por seu conteúdo, mas se sustenta com as próprias pernas (e, bom, sofre por existir entre *Crime e Castigo* [1866] e *O Idiota* [1869]).

De Dostoiévski ao primo que vive em função de cartões amarelos na segunda divisão finlandesa, por que apostar é tão *divertido*? Duas explicações nos satisfazem:

“ Pesquisas com macacos descobriram que não é realmente o prazer que estimula a liberação de dopamina, **mas a incerteza da recompensa**. Quanto mais incerta a recompensa, mais dopamina é liberada em antecipação. **Supõe-se que isso explique o vício em jogos de azar**, e agora é de conhecimento geral que os feeds de mídia social foram criados com base nesse conceito.

(...)

Um artigo de 2016 que examina as causas estruturais do problema do jogo observa que: “... a participação em jogos de azar também é uma resposta à experiência de ser marginalizado. **Para esses grupos, o jogo representa uma das poucas ações que eles podem tomar para lidar com a falta de oportunidades e liberdades que experimentam.**”³

Na visão deste humilde editor, o segundo parágrafo não poderia encaixar mais com o brasileiro – que, não por acaso, lidera com folga o ranking mundial de acessos a sites de apostas. Via de regra, somos um povo de fodidos sem oportunidade [eu e você, muito provavelmente, somos exceções]. Como não se empolgar com a possibilidade de conseguir um atalho em meio a uma selva de atrasos?⁴

Complementando o viés desse argumento:

“ Vindo de uma cidade que tinha mais casas de apostas do que livros (para roubar uma frase do falecido Nick Tosches) e onde as oportunidades de progressão eram tão cinzentas e imutáveis como o horizonte, apostar representava uma forma de um trabalhador ganhar alguma coisa com a sua inteligência, instintos e finesse, em vez de apenas com a força dos seus braços e a durabilidade das suas costas.”⁵

Se a loteria é “um imposto sobre as pessoas ruins em matemática”, como definia Ambrose Bierce (1911), as apostas parecem fornecer uma recompensa – dopaminérgica – para a esperteza. E quem é que não se considera mais esperto que a média?

Algumas odds

Em uma ponta, observamos cidadãos viciados – isto é, clinicamente, sem margem de dúvida – arruinando a própria vida com apostas. Eles sempre estiveram entre nós, é claro. Porém, a facilidade de entrar na brincadeira, a miríade de opções (de sites, de modalidades, de variáveis dentro de um mesmo jogo), o encurtamento do intervalo entre estímulo e resposta: tudo isso tem transformado a aposta esportiva na “nova oxiconona”.

Em outra ponta, profissionais *que já vivem o sonho*, com anos à frente para fazerem o que amam, na curva ascendente da vida, tornam-se engrenagens desse casamento nefasto (mas intenso, cheio de paixão...) entre dopamina e esperteza. O primeiro grupo parece mais compreensível – ou já nos acostumamos com exemplos de autodestruição –, mas e o segundo?

Sobre arriscar tudo por muito pouco

Nos surpreendemos com jogadores de futebol de elite envolvendo-se com apostas tão trambiqueiras – não por uma questão ética, mas financeira. Afinal, estamos habituados com “pilantragem, estelionato ou apenas uma inocente carraspana” em nossa cultura quilingue, porém assusta saber que algum indivíduo com salário de três dígitos possa pôr tudo a perder por uma recompensa proporcionalmente tão baixa.

Por que um atleta se submete ao risco de arruinar a própria carreira, perder qualquer credibilidade, dever para criminosos – em caso de insucesso do acordo, por incompetência individual ou por algum infortúnio da partida –, trair os próprios companheiros e comprometer a instituição que paga seu salário (provavelmente, o maior de sua vida)? Vamos confabular por aqui, sem qualquer critério ou metodologia.

É famoso um discurso em que **John Bogle**, fundador do Vanguard Group (maior gestora de fundos de investimento do mundo), relembra um diálogo entre **Kurt Vonnegut** e **Joseph Heller**:

“ Numa festa oferecida por um bilionário em Shelter Island, o falecido Kurt Vonnegut informa a seu amigo, o escritor Joseph Heller,

que o anfitrião, um gestor de fundos de investimento, ganhou mais dinheiro num único dia do que Heller ganhou com o seu popular romance Ardil-22 durante toda a sua história. Heller responde: “Sim, mas eu tenho algo que ele nunca terá... *O suficiente*.”

Morgan Housel⁶ resgata o discurso de Bogle como gancho para duas histórias de ruína: a de **Rajat Gupta** e a de **Bernie Madoff**. O primeiro, multimilionário após uma carreira como CEO na McKinsey – e já aposentado, com cargos na ONU e no Fórum Econômico Mundial, fazendo filantropia com Bill Gates –, jogou tudo no lixo ao se utilizar de informações privilegiadas para comprar ações do Goldman Sachs (que ele, justamente por conta dessas informações, sabia que logo estourariam). Terminou preso.

O segundo, talvez o maior trambiqueiro da história, realmente dispensa apresentações. Mas vale o registro de que, antes de comandar o maior esquema de pirâmide do planeta, Madoff já era extremamente bem-sucedido (de forma legítima, sem qualquer asterisco).

Warren Buffett, talvez o sujeito mais entediante do Ocidente inteiro (e, justamente por isso, um dos mais sábios), sintetizou: “nada justifica arriscar algo que você já tem e do qual precisa por algo que você não tem e do qual não precisa”. Estamos falando de multimilionários – letrados, calejados, *espertos* – que fizeram o extremo oposto.

A partir disso, bifurcamos o raciocínio:

1. A ganância é um vício que o dinheiro não necessariamente cura.
2. Se um multimilionário é capaz de arriscar décadas de trabalho e reputação por muito pouco, por que um atleta sem formação, instrução ou assessoria (sentido amplo), ainda embalado pela tolice da juventude, provavelmente sustentando meia ou uma dúzia de familiares, não faria algo parecido – por uma recompensa até proporcionalmente maior?
 - a) Ademais, se pensarmos em elencos de 30 jogadores, são 600 atletas na Série A nacional. Quantos foram sondados e receberam propostas? Quantos recusaram? Esse número dificilmente será estimável. O ponto é que, de todo modo, não serão 600 os irresponsáveis, e um número de 10% (60), embora chocante, ainda é uma minoria restrita. (Lembrando que estamos falando da divisão de elite. O absurdo é exponencial –

não há nada chocante em projetar acordos espúrios em jogos de série D, por exemplo, pois o contexto do atleta, muito mais próximo do chão de fábrica do que do Neymar, é completamente diferente).

b) Me pergunto do fundo do coração se a maioria desses jogadores *sabe* que é rica. No sentido de ter noção concreta de que, se ele recebe R\$ 50 mil por mês (e um atleta de primeira divisão tende a receber muito mais), isso já o coloca no topo do topo do topo do país, em que pese a não linearidade (e a brevidade) de sua carreira. Afinal, para alguém criado com *muito pouco*, talvez R\$ 50 mil seja só um número alto – que muitas vezes precisa ser *usado*, não guardado, seja por compensação psicológica, seja por falta de instrução, seja por penduricalhos humanos que agora o cercam como abutres.

Com esses pontos, longe de defender a postura dos jogadores – que, acima de tudo, cometeram uma estupidez sem tamanho e provavelmente jogarão suas carreiras já curtas no lixo –, procuro tentar compreender suas motivações. Muitas vezes, elas nem são tão complexas (as nossas são?). Cada um de nós guarda uma interseção nebulosa entre o ético, o prático e o moral, tudo isso temperado com (i)legalidade.

Afinal, digamos que você tenha a chance de ser recompensado por fazer algo ilegal, mas esse ato ilegal prejudique apenas, hm..., o Detran (talvez você faça mesmo sem a recompensa). Agora digamos que este mesmo ato ilegal prejudique de alguma forma seus melhores amigos. Obviamente, você encararia a oferta de outra forma. (E se prejudicar os colegas de trabalho? E se prejudicar os colegas de trabalho, mas você odeia seus colegas de trabalho? *And so it goes*).

Enfim, são apenas hipóteses para testar o raciocínio. Longe de almejar um raciocínio inédito, o ponto é: pessoas fazem merda o tempo todo. Acontece. Eu, você, Bernie Madoff e o lateral Pedrinho temos gatilhos e motivações duvidosas; não necessariamente racionais, não necessariamente razoáveis. Alguns testes de força com indivíduos distintos em ambientes diversos gerarão resultados improváveis, curiosos – nos quais nem um adicto supersticioso teria arriscado seu dinheiro.

¹ Mlodinow, Leonard. *O Andar do Bêbado*, 2008. Zahar (2018).

² Dostoiévski, Fiódor. *O Jogador*, 1867, Penguin-Companhia (2017). Apresentação e tradução de Rubens Figueiredo. A citação que abre este texto também pertence à edição (p. 30).

³ Meadows, Jesse. *Dopamine: The Self-Improvement Mythos Of Our Age*. Sluggish, 2023. Destaques nossos. Sobre o segundo ponto, é impressionante a relação com esta outra pesquisa aqui, que relaciona como, contraintuitivamente, fumantes pobres se importam menos com o aumento do preço do cigarro. “Mas a maioria dos participantes (de ambos os sexos, especialmente os mais velhos, os desempregados e os que moram sozinhos) também afirmou que o cigarro preenche um vazio em sua vida cotidiana: Eles fumam porque não têm mais nada para fazer, porque é a única atividade de lazer que podem pagar (paradoxalmente, alguns fumantes acreditam que economizam dinheiro fumando); por outro lado, lembraram que costumavam fumar menos quando tinham um emprego; eles também fumam porque se sentem solitários, para compensar um rompimento emocional ou uma demissão, ou para aliviar os sintomas de abstinência depois de parar de usar ‘drogas pesadas’. Em outras palavras, muitos fumantes entrevistados consideravam que fumar era ‘tudo o que lhes restava.’ Esta e outras traduções do texto partiram do Deepl.

⁴ Vale lembrar que “Nas décadas de 1930 e 1940, o Brasil viveu a era de ouro dos cassinos. No auge, funcionavam mais de 70 casas de apostas no país — do Rio, capital da República, à minúscula São Lourenço, no sul de Minas. Nos salões, homens de terno e mulheres de longo apostavam dinheiro nas roletas e nas cartas de baralho. O fervilhante negócio dos cassinos ruiu repentinamente. Em 30 de abril de 1946, três meses depois de assumir a Presidência da República, o general Eurico Gaspar Dutra pegou o país de surpresa e, com um decreto-lei, ordenou o fim dos jogos de azar”. Fonte: Agência Senado.

⁵ Bevan, Thomas J. *On Gambling*. The Commonplace, 2020.

⁶ Housel, Morgan. *A Psicologia Financeira*, 2020. HarperCollins (2021). Capítulo 3: “Nada é o suficiente”.

SONHO TRAÇADO EM GIZ:

“O Livro dos Sonhos”,
de Verônica Stigger

Marceli Mengarda

Outro dia sonhei com a escritora Verônica Stigger. Decerto que, por estar às voltas com a escrita deste texto, o superego bateu à porta do inconsciente, prancheta e caneta em punho, para repassar as tarefas da semana como se aquele fosse o lugar de fazer isso. No sonho, encontrava Verônica numa livraria. Ambas carregávamos malas e, indo de um ambiente para outro, havia portinhas de vidro em miniatura por onde se devia passar a bagagem. Antes de sair de lá, tomando um café, conversávamos sobre prazos de textos e acompanhávamos a chegada de muita gente que vinha para um sarau. Verônica me disse que os saraus estavam levando horas, provavelmente por culpa dos cronistas.

Sonhos, por vezes, são difíceis de decifrar. Mais que isso, não é raro que a teoria se esquive mesmo de tratar das tentativas de fazer um relato desses sonhos, apoiando-se na fugacidade da natureza onírica: o relato de um sonho, além de ser incompleto por natureza, em alguma medida, só faria sentido a quem sonhou. Mesmo o que não se perde na transcrição ainda deixaria lacunas demais para justificar a tentativa de entendimento ou mera apreciação. No entanto, levando em conta os mecanismos de formação do sonho, talvez fosse possível arriscar uma classificação e aproximar essa narrativa inconsciente, de tantos pedaços, das tentativas conscientes de se escrever o que está além do real, no campo das possibilidades. Caso revelasse aqui que toda a narrativa do primeiro parágrafo foi inventada para encorpar a introdução do texto (não foi), estaria ainda muito próxima do surrealismo, por exemplo. Verônica Stigger, premiada pela experimentação e pela liberdade com que transita entre diferentes gêneros e estilos, mostra em seu livro mais recente

que a matéria de que são feitos seus sonhos é igualmente instigante.

O livro dos sonhos: exercícios de onirocrítica

(Verônica Stigger, com desenhos de

Eduardo Sterzi) foi lançado em abril de

2023, numa empreitada de Arte &

Letra e Contravento Editorial. Com

apresentação de Nathan Schäfer e

posfácio da psicanalista Flávia

Cêra, este é o primeiro volume de

uma coleção chamada **As frutas**

das samambaias. A coleção é a

primeira no Brasil dedicada à

publicação de registros de

sonhos noturnos e, defen-

dendo que a transcrição dos

sonhos é mais um convite

ao passeio do que uma

tarefa incompreensível



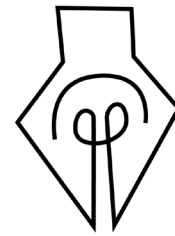
e hermética, chega para suprir uma lacuna de muito agrado aos *voyeurs* do inconsciente alheio.

Os sonhos de Verônica Stigger iniciam pela Itália, em 2013 – mais ou menos na mesma época em que começou um pesadelo brasileiro que, nestes últimos anos, teve momentos com os requintes de terror da paralisia do sono. Ali, vemos relatos que ficam entre o surreal, o mágico e o que poderia tranquilamente ser noticiado pela imprensa nacional no passado recente, com ou sem direito de resposta no *Jornal Nacional*. Volta e meia, você também participa do sonho – um “você” que aparece enquanto personagem e deixa margem para um tanto de conjecturas de quem gosta de imaginar significados para sonhos. Pode ser que, no fim, seja você mesmo.

Episodicamente, ao longo destes anos, há pães, bolos, caixões, nascimentos anunciados e um cavalo selvagem que provoca cenas fellinianas no meio de São Paulo. Acontece até de haver alguma unidade temática: em agosto de 2020, uma conexão ruim de internet a livra de estar num voo que cairia com parte da literatura brasileira contemporânea – mas a internet discada já aparece antes, em 2018, na comparação feita por um acadêmico à conexão com os espíritos. Vindo de uma autora cuja escrita frequentemente tem um pé no surreal, os sonhos aqui adquirem algo de mundano que se aproxima estilisticamente de uma biografia, sem se afastar da obra de Verônica. Poderia o leitor se oferecer para interpretar, mas como acontece no sonho do café da Peppa Pig, ela talvez prefira não conhecer o significado de tudo.

Cada sonho é numerado com riscos, como faz um preso a contar na parede os dias de sua condenação. É também com traços de giz que Eduardo Sterzi liberta algumas dessas imagens dos sonhos. O tratamento dessas figuras produz ilustrações fugidias e eloquentes – em alguns momentos, é como se Eduardo tivesse desenhado de olhos fechados. Em um sonho de setembro de 2020, ele e Verônica são os personagens principais de um roteiro escrito dentro de casa, logo antes de serem os primeiros na fila da vacina – estrelas de uma festa que precisa ser divertida com dança porque as doses não chegam nunca. O pesadelo pandêmico recente aparece não só em sonhos vacinais, mas também num, de maio de 2020, que já deve ter se constituído como arquetípico: ao reencontrar amigos na rua, abraça e beija-os como sempre faz, para só então dar-se conta de que não deveria ter feito isso, porque é perigoso.

A cor violeta usada no projeto gráfico do livro é a mesma que se usa em materiais ritualísticos, um tom de mistério que abraça o conteúdo do volume. A última das crônicas sonhadas – sem a culpa de atrasar nenhum sarau –, em outubro de 2020, mistura a Itália ao Brasil com uma *Bocca della Verità* menos ortodoxa e que evidencia quanto mais difícil é detectar mentiras por aqui. Neste caso, talvez melhor ser acordado por um grilo que pousa em nosso rosto do que por um caminhão que desentope esgoto na rua.



FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos

TRECHO

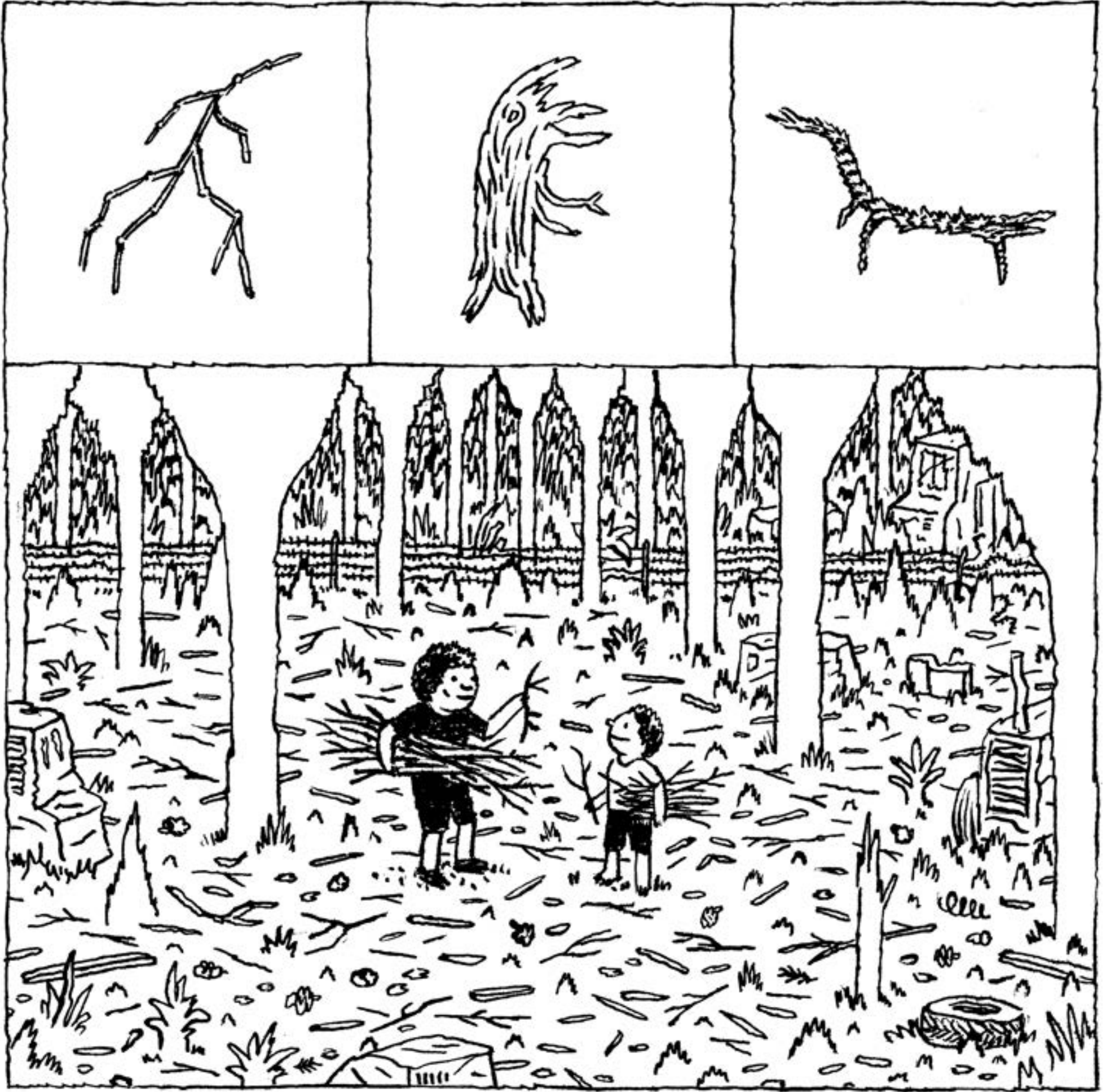


18 de março de 2016

Amanhece com nossa cozinha inundada. Em vez de chamar um encanador, compro uma passagem para Maceió e me mando para a praia. Tomo água de coco com a Susana, como sururu, passeio nas rendeiras, compro um vestido lindo de renda filé.

O LIVRO DOS SONHOS: EXERCÍCIOS DE ONIROCRÍTICA

ISBN 978-65-88787-07-6
Arte & Letra e Contravento Editorial, 2023
80 páginas



O viés cético em "A High-Toned Old Christian Woman"

Wallace Stevens

Tradução de Lucas Carneiro

Wallace Stevens é visto como um dos maiores poetas estadunidenses do século 20, mas que ainda dispõe de pouca circulação leitora em solo brasileiro. Considerado nas palavras do já falecido crítico Harold Bloom como o maior e o mais representativo poeta americano, Stevens nasceu em 2 de outubro de 1879 em Reading, na Pensilvânia. Dedicou grande parte da sua vida à carreira de advogado, trilhando os mesmos passos que o seu pai. Nas horas vagas de trabalho, momento em que se distanciava das constantes obrigações na companhia de seguros, Stevens costumava exercer o ofício humanizante de poeta. Desde muito cedo foi altamente influenciado pelas ricas discussões filosóficas fomentadas no ambiente acadêmico de Harvard, e herdou do filósofo hispânico George Santayana — a quem foi apresentado em pessoa pelo heraldista Pierre Chaignon — o ceticismo que mais tarde nortearia alguns dos seus escritos.

O viés filosófico/cético da poética *steveana* salta a vista quando tomamos como base o célebre e humorístico poema "A High-Toned Old Christian Woman". Nessa obra, o eu-lírico afirma para uma eminente senhora cristã que a poesia, assim como a religião, é uma ficção suprema. É provável que a madame referida no curso desses versos seja a irmã Mary B. Quinn, monja que Stevens costumava trocar algumas correspondências. Notemos que há, no corpo textual do poema, algumas imagens de elementos que flertam com o imaginário cristão, tais quais a nave e as *planets* (que optei por traduzi-las como casulas). Tais dispositivos são empregados por Stevens em sua poética como uma forma de realizar um questionamento, uma crítica cujo alarido aprazível (*hullabaloo*), em uníssono a força da sua oposição e descrença ante a supremacia dos valores morais, é capaz de gerar uma profunda inquietação entre as eminentes viúvas cristãs.

Uma eminente senhora cristã

A poesia é a ficção suprema, madame.
 Pegue o princípio moral e faça disso uma nave
 E desta nave construa um paraíso sepulcral. Embora
 A consciência seja transformada em ovações,
 Como cítolas tormentosas ansiando por hinos.
 Concordamos em princípio. É evidente. Mas pegue
 A lei oposta e faça dela um preâmbulo
 E deste preâmbulo projete uma máscara
 Para além das casulas. Assim, nossas indecências,
 Impurificadas pelo epitáfio, finalmente satisfeita,
 É igualmente convertida em ovações,
 Rabiscando como saxofones. E entre aclamações,
 Madame, retornamos ao nosso princípio. Permita,
 Portanto, que na cena planetária
 Seus dissidentes martirizados, abarrotados,
 Batendo seus ventres salientes em procissão,
 Digno de tais novidades incomparáveis
 Tinindo, batendo e chacoalhando
 Possam, simplesmente, madame, açoitar de si mesmos
 Um alarido aprazível entre as esferas.
 Isso agitará as viúvas. Mas as coisas fictícias
 Cintilam como querem. E cintilarão mais quando as viúvas se agitarem.

A High-Toned Old Christian Woman

Poetry is the supreme fiction, madame.
 Take the moral law and make a nave of it
 And from the nave build haunted heaven. Thus,
 The conscience is converted into palms,
 Like windy citherns hankering for hymns.
 We agree in principle. That's clear. But take
 The opposing law and make a peristyle,
 And from the peristyle project a masque
 Beyond the planets. Thus, our bawdiness,
 Unpurged by epitaph, indulged at last,
 Is equally converted into palms,
 Squiggling like saxophones. And palm for palm,
 Madame, we are where we began. Allow,
 Therefore, that in the planetary scene
 Your disaffected flagellants, well-stuffed,
 Smacking their muzzy bellies in parade,
 Proud of such novelties of the sublime,
 Such tink and tank and tunk-a-tunk-tunk,
 May, merely may, madame, whip from themselves
 A jovial hullabaloo among the spheres.
 This will make widows wince. But fictive things
 Wink as they will. Wink most when widows wince.

Juliana Meira

Três poemas de Estes que têm futuro bastante (Editora Bestiário, 2023)

este andar que a contraluz desenvolve
como se fôssemos de outra ordem de outra espécie

este sol que por detrás dos prédios corre
e não toma fôlego e não perde

as luzes nesta escada
que range os dentes mas cuja lábia
disfarça bem o irônico adeus da ascensorista
a ecoar daquela panorâmica vista disposta a esmiuçar
os que dão conta de muito feito ela mesma feito eu e você

sinto dizer amor
alguma coisa aqui me fará correr



Conheça **Nós e os dragões**, o novo romance da Melissa Melvee

Em *Nós e os dragões*, a escritora porto-alegrense Melissa Melvee conta a história de Maeve, uma princesa celta que, contrariando todos os pecados de sua tribo, acaba fazendo contato com uma filhote de dragão. Com o humor típico dos seus textos, a autora – que em 2021, aos treze anos, publicou o romance *Meu padasto é a maior viagem* – guia seus leitores através desta jornada que une celtas e vikings em busca de aventura e da ancestral verdadeira.

“Quando eu chego no fim do caminho de pedras brilhantes, eu também começo a brilhar.

– Pelos deuses, o que está acontecendo contigo?

Então, eu vejo algo que por muito tempo me deixaria na dúvida se eu estava sorrendo ou não. Uma visão deslumbrante, magnífica! Um mundo totalmente desconhecido pelos humanos, mas, do nada, eu fui derrubada no chão. Foi quando escutei um ser com aus grandes, garras, que parecia um pesadelo. Aquela coisa toda que eu achava que estava sendo se transformou numa realidade fria.” (MELVEE, 2023, p. 36).“

Adquira o livro no perfil @editoraberserker (Instagram)

Nós e os dragões

Melissa Melvee - Romance/Fantasia - 282 páginas

Editora Berserker



breve ato de descascar laranjas, livro de estreia de Bianca Monteiro Garcia, constrói uma poética do luto, da loucura e da clausura. Esse tripé temático envolve a obra, através de poemas cotidianos que contam uma história: conversa com os leitores sobre a morte de um pai e de uma avó, sobre uma internação psiquiátrica e sobre um encarceramento forçado pela pandemia (e pelos próprios elementos do luto e da loucura).

Dividido em quatro partes, é pensado esteticamente a partir da cor azul e do processo de cianotipia: com as páginas azuis e letras brancas (ou o oposto) e com fotos impressas em cianotipos, fazendo com que a fotografia se realize na cor ciano, ele nos leva a uma melancolia que deseja se transformar em resistência e memória.

O prefácio é de Martha Alkimin, professora e pesquisadora da UFRJ; o postácio, de Regina Azevedo, poeta; e a orelha, de Simone Brazes, também poeta.

Sobre a autora: Bianca Monteiro Garcia nasceu em 1994, no Rio de Janeiro. É editora da Macabéa Edições e da Tábua Publicações, formada em Letras e especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *breve ato de descascar laranjas* é seu livro de estreia.

www.macabeaedicoes.com
Macabéa Edições e Tétrax
@macabeaedicoes
R555



aquelas araucárias
do etéreo de sua visagem copada
sei que me escutam
todavia estou quieta aqui embaixo
no seguro inferno de mim

e se me abro se me nomeio
são os cânions que sussurram
e se de vez me fecho
para ficar na média sã dos meus medos
é o riacho e toda a variedade de insetos
que se achegam

por que diabo fui me meter
com essa paisagem



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com



No romance **Redemunho**, de José Vecchi de Carvalho, Domicio e Kelly vivem um relacionamento conturbado. Ele, um contador arrojado e cético, evita o convívio social e prefere construir em sonho um mundo imaginário, mas é atraído pelas forças que tenta repelir. Ela, uma grafiteira na luta pelo reconhecimento de sua arte, esbarra em obstáculos intransponíveis. Num relacionamento marcado por rompimentos e reconciliações, os acontecimentos trágicos da vida de Kelly envolvem Domicio numa trama ardilosa. E apesar das duras críticas que faz à vida banal das pessoas, ele se vê tragado pela roda feroz da banalidade e das circunstâncias que o tornam, ao mesmo tempo, culpado e vítima.

www.editoraipemarelo.com.br

R\$ 42

Judith Guest

Tradução de Vera Neves Pedroso

Abertura de Gente como a gente

Para se ter uma razão para levantar de manhã, é preciso possuir um princípio qualquer, acreditar em alguma coisa. Um desses dizeres que se colam nos para-choques dos carros serve. Nas estradas de muito trânsito, as pessoas gritam uma para as outras: “boicote as uvas!”, confortam-se umas às outras: “se você ama Jesus, buzine!”; brincam umas com as outras: “seja bom para os animais: beije um gambá!” Identificam-se, sumarizam-se, antagonizam-se com afirmações de fé: “Eu também tenho um sonho — ordem e direito”; “Jesus Cristo deposita no Banco de Chicago”; “Para presidente, Rod McKuen”.

Deitado de costas, na cama, ele olha para as paredes do quarto, imaginando que fim terá levado a sua coleção de frases. Tinham sido discretamente montadas em papelão e presas com fita adesiva, para não estragar as paredes. Sumiram. Provavelmente, foram para o lixo, junto com o resto das coisas — todas aquelas fotos coloridas dos lobinhos, dos escoteiros, lembranças dos tempos de Ginásio. Uma pena. Seria reconfortante ter algo para o que olhar. Em vez disso, as paredes estão agora nuas. Tinham sido pintadas de novo. Azul pálido, cor angustiada. A angústia é azul; o fracasso, cinzento. Ele conhece bem os tons. Disse a Crawford que eles voltariam a sentar-se nos pés da sua cama, paralisando-o, envergonhando-o, mas Crawford não ficou impressionado. Deixe disso. Para de se atormentar. *Menos pressão mais humor combinam-se para fazer você rir.*

